



**LSPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A Utilização de Pistas Verbais e Visuais na  
Recuperação de Informação em Contexto de  
Entrevista Forense**

Sara Félix

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Telma Sousa Almeida

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Telma Sousa Almeida

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Telma Sousa Almeida, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, o maior dos agradecimentos aos meus pais. Pelo investimento, exigência do uso daquelas que acreditam ser as minhas capacidades, desafio na busca do conhecimento e apoio constante ao longo de todo o percurso académico. Acima de tudo, por nunca me deixarem desistir.

À Prof. Doutora Telma Sousa Almeida, pela sua orientação, acompanhamento, partilha de conhecimentos, entusiasmo e confiança que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

Aos de sempre, Ana Filipa, Carolina, Cristiana, Marcelo e José pela incondicional amizade, motivação e companhia, tanto no decorrer desta investigação como em todos os momentos, nos bons e nos menos bons.

Aos colegas que se tornaram amigos, Tomás, Mariana, Manel, Alex e Filipa, por tornarem tão mais fácil estes cinco anos e os encherem de memórias felizes e, em especial, à Débora, que nesta última fase foi essencial no apoio e partilha de conhecimento.

Aos que participaram neste estudo, pela imediata disponibilidade e simpatia e por tornarem possível a sua concretização.

Ainda, a todos os outros, com os quais me cruzei durante este percurso e que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

## RESUMO

Este estudo, focou-se no aumento do relato de informação, utilizando a estratégia de recuperação por categorias (RC), que se trata de uma estratégia em que a informação é recuperada através de várias categorias que se mostraram relevantes na prática forense. Devido à falta de formação dos profissionais que conduzem as entrevistas investigativas, o papel do entrevistador pode, por vezes, contaminar a informação relatada pela testemunha. Estudou-se se a introdução de uma variante da estratégia de RC – apresentar as pistas categóricas escritas numa folha, em vez de serem dadas verbalmente pelo entrevistador - aumentava a informação relatada. Para tal, os participantes visualizaram um vídeo relativo à simulação de um crime, e foram entrevistados 1 hora depois, de acordo com uma das quatro condições de entrevista presentes no estudo: Relato Livre (RL1); Relato Livre com auxílio de folha (RL2); Recuperação por Categorias (RC1); e Recuperação por Categorias com auxílio de folha (RC2). A RC mostrou ser uma técnica eficaz no aumento da informação relatada, sem comprometimento da sua precisão, quando comparada com o RL. Não foram encontradas diferenças significativas na quantidade de informação relatada pelos participantes entre os grupos RC1 e RC2. Sugerem-se investigações futuras sobre as variantes da técnica de RC e são discutidas as implicações do presente estudo nos contextos reais de investigações policiais.

Palavras-chave: Entrevista Forense; Relato de Testemunhas; Recuperação por Categorias; Pistas Verbais e Visuais.

## **ABSTRACT**

This study, was focused on the broadning of recalling information, employing the category clustering recall (CCR) strategie, which is a strategy where information is recovered through multiple categories deemed relevant in the forensic field. Due to the lack of training of professionals conducting investigative interviews, the role of the interviewer can sometimes contaminate the information reported by the witness. It was studied whether the introduction of a variant of the CCR strategy – presenting the categorical clues written on a sheet, instead of being verbally given by the interviewer – increased the amount of reported information. To this purpose, the participants viewed a video regarding the simulation of a crime, and were interviewed 1 hour later, according to one of the four interview conditions present in the study: Free Recall (FR); Free Recall using a sheet (FR2); Category Clustering Recall (CCR1); and Category Clustering Recall using a sheet (CCR2). CCR proved to be an effective technique regarding the increase in reported information, without compromising its accuracy, when compared to FR. No significant differences were found in the amount of information reported by the participants between the CCR1 and CCR2 groups. The implications of the present study are discussed in the real contexts of police investigations as well as it is suggested future investigations on the variants of the CCR technique.

**Key-Words:** Forensic Interview; Witnesses Testimony; Category Clustering Recall; Verbal and Visual Clues.

## Índice

Introdução .....	1
Importância do Relato na Investigação Forense .....	1
Entrevista Cognitiva Melhorada .....	2
Estratégia / Mnemónica de Recuperação por Categorias .....	4
Intervenção do Entrevistador na ECM.....	6
Atenção / Concentração e recuperação de Memórias .....	7
Necessidade de Cognição ( <i>Need for Cognition</i> ) e recuperação de memórias .....	8
Proposta de estudo .....	9
Método.....	11
Participantes.....	11
Materiais e Procedimento .....	11
Evento a ser recordado.....	11
Instrumentos.....	12
Escala de Necessidade de Cognição.....	12
d2 – Teste de Atenção.....	12
Protocolos de Entrevista.....	13
Codificação de dados .....	16
Fiabilidade inter-codificador .....	16
Delineamento .....	17
Resultados.....	18
Plano de análise .....	18
Principais Resultados.....	19
Discussão .....	25
Referências .....	32
ANEXOS .....	38
Anexo A – Consentimento Informado.....	39
Anexo B – Escala de Necessidade de Cognição.....	42
Anexo C – d2 Teste de Atenção .....	44
Anexo D – Protocolos de entrevista .....	45

## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1</b> - Médias e Desvios Padrão do total e precisão da informação relatada, pelos grupos RL e RC.....	20
<b>Tabela 2</b> - Médias e Desvios Padrão do número total de detalhes relatados, número total de detalhes corretos e incorretos e precisão da informação, para os diferentes grupos (RL1, RL2, RC1 e RC2).....	21
<b>Tabela 3</b> - Médias e Desvio Padrão das várias categorias de detalhes da narrativa (pessoas, ações, objetos, localizações e conversações), nos diferentes grupos (RL1, RL2, RC1 e RC2).....	22
<b>Tabela 4</b> - Comparações múltiplas para as médias das várias categorias de detalhes nos diferentes grupos.....	23
<b>Tabela 5</b> - Matriz de Correlações de Spearman entre o número total de detalhes relatados, número total de detalhes corretos e incorretos, precisão da informação, categorias de detalhes da narrativa e as medidas de Necessidade de Cognição e Atenção/Concentração.....	24

## **Introdução**

A presente dissertação encontra-se organizada em quatro partes principais. Inicialmente, recorrendo a uma abordagem teórica, é referido o papel das testemunhas oculares no processo de investigação forense e realçada a sua importância no decorrer da mesma. Tendo em conta os diversos tipos de entrevistas investigativas, é feita referência às técnicas que se têm demonstrado, desde tempos mais antigos até à atualidade, mais eficazes para entrevistar testemunhas adultas, nomeadamente a Entrevista Cognitiva, na sua versão modificada e melhorada. Este protocolo de entrevista é constituído por várias fases e técnicas e, assim sendo, no presente estudo é abordada, com base em alguns estudos recentes, a estratégia de Recuperação por Categorias como substituta ou como adicional às mnemónicas usadas de forma mais recorrente. O papel do investigador tem sido igualmente referido, ao longo dos anos, como fulcral na obtenção da informação por parte da testemunha e, como tal, as suas características são exploradas no presente estudo. Dado que, um indivíduo, para proceder à evocação de informação relativa a um evento, recorre a diversos processos cognitivos de ordem superior, foi feito um breve paralelismo entre a função da atenção no processo de recuperação de memórias e, igualmente, introduzido o conceito de Necessidade de Cognição individual e a sua possível relação com a capacidade de evocar acontecimentos. Após a apresentação da pesquisa feita a nível teórico, foram apresentados os objetivos do presente estudo, a sua pertinência, bem como as hipóteses formuladas.

Tratando-se de um estudo experimental foram descritas, na secção do método, as características da amostra de participantes, os instrumentos utilizados bem como todo o procedimento desde a recolha ao tratamento dos dados. Seguidamente, são apresentados os principais resultados e, posteriormente, com base nos mesmos e em investigações anteriores, é feita uma discussão bem como são apresentadas as conclusões e limitações deste estudo.

### **Importância do Relato na Investigação Forense**

O sistema de justiça criminal depende, fortemente, de testemunhas oculares no processo de investigação de crimes, sendo que, em muitos dos casos, o seu relato é a única evidência disponível para determinar a identidade do culpado (Wells & Olson, 2003). No decorrer das investigações forenses, a entrevista feita a testemunhas é, frequentemente, um procedimento fulcral para determinar o resultado da investigação (Kohnkwn, Milne, Memon, & Bull, 1999).

Kebbell e Milne (1998) relataram que os agentes policiaes consideram que as testemunhas, de uma forma geral, fornecem pistas que são centrais nas investigações criminais,

observando, ainda, que um dos principais fatores que determina a resolução de um crime reside no quão completo e preciso é o relato das testemunhas. De acordo com os mesmos autores, uma componente crítica da eficácia da aplicabilidade da lei criminal é, igualmente, a capacidade dos agentes policiais para obterem informações precisas e detalhadas, por parte das testemunhas.

Deste modo, é dado como certo que as declarações de testemunhas oculares são críticas para as investigações policiais. No entanto, apesar de sua importância, as testemunhas raramente (ou nunca) se recordam de tanta informação quanto é esperado pelos entrevistadores. Tendo em conta a importância do testemunho, a falibilidade da memória das testemunhas e, ainda, a falta de treino dos investigadores sobre como conduzir um interrogatório urge a necessidade de melhorar os métodos de entrevista utilizados para a obtenção de informação (Fisher, Brennan, & McCauley, 2002). Neste contexto, Geiselman e colaboradores (1984) desenvolveram um novo procedimento de entrevista.

### **Entrevista Cognitiva Melhorada**

Tendo por base estudos relativos ao funcionamento da memória humana e visando a obtenção do máximo de informação possível por parte das testemunhas, Geiselman et al. (1984) desenvolveram a Entrevista Cognitiva que é, atualmente, tida como um dos protocolos de entrevista mais eficazes para a obtenção do relato de uma testemunha (Paulo, Albuquerque & Bull, 2014). De acordo com diversas investigações, a utilização deste protocolo de entrevista aumenta a quantidade de informação correta que é relatada pelas testemunhas, em comparação com outros protocolos (Memon, Meissner, & Fraser, 2010). A Entrevista Cognitiva tem-se mostrado eficaz em diversos países (e.g., Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos da América e Brasil) com testemunhas de diferentes faixas etárias e acerca de vários eventos distintos (e.g., crimes, acidentes ou chamadas telefónicas), assim como quando aplicada após diferentes intervalos de tempo entre um evento e sua subsequente recordação (Paulo, Albuquerque, & Bull, 2013).

Quando foi desenvolvida, a Entrevista Cognitiva, assentava em quatro mnemónicas de recuperação clássicas, baseadas em princípios teóricos subjacentes à memória humana, sendo estas: a técnica de Relato Livre (RL); a técnica de Restabelecimento de Contexto (RC), a técnica de Mudança de Perspetiva (MP) e a técnica de Mudança de Ordem (MO) (Geiselman et al., 1984).

Na mnemónica Relato Livre, como sugerido pelo nome, é pedido à testemunha que relate tudo aquilo que se recorda, independentemente de considerar que aquela informação é

importante ou não para a investigação (Paulo et al., 2013). No Restabelecimento de Contexto, é pedido ao entrevistado que recrie mentalmente tanto o contexto interno (e.g. os seus sentimentos na altura do evento) como o externo (e.g. envolvimento do acontecimento) do evento a ser recordado (Kohnken et al., 1999). Na mnemónica Mudança de perspetiva, pretende-se que a testemunha recorde o evento de uma perspetiva diferente, ou seja, que o relate sobre a perspetiva de alguém que estava noutra localização na altura do evento (Kohnken et al., 1999) ou, até, que o relate na perspetiva relaxada em que estava antes de perceber que um crime estava prestes a ocorrer (Paulo et al., 2013). Finalmente, na Mudança de Ordem sugere-se que a recordação de eventos seja feita por "ordens temporais diferentes", consistindo, por exemplo, em relatar o evento pela ordem inversa, começando pela última coisa de que se recordam (Kohnken et al., 1999).

A Entrevista Cognitiva tem sido alvo de inúmeras investigações ao longo das últimas décadas com o objetivo de aumentar a quantidade de informação relatada, tendo os resultados destes estudos contribuído para a alteração de diversos aspetos deste protocolo (Colomb, Ginet, Wright, Demarchi, & Field, 2013).

Embora a primeira versão da Entrevista Cognitiva tenha incluído apenas os quatro procedimentos supramencionados, a importância de considerar aspetos sociais e de comunicação da entrevista tornou-se evidente ao longo dos anos, como por exemplo, garantir o conforto e o bem-estar das testemunhas durante a entrevista (Colomb & Ginet, 2012). Desta forma, Fisher e Geiselman (1992) adicionaram alguns procedimentos à versão subsequente da Entrevista Cognitiva: a Entrevista Cognitiva Melhorada (ECM). Os novos procedimentos consistiam no questionamento compatível com as testemunhas ou seja, os entrevistadores devem adaptar as perguntas de acordo com o registo mental do evento de cada testemunha em vez de utilizar o mesmo conjunto de perguntas para todas as testemunhas; na transferência do controlo da entrevista para a testemunha, que consiste em atribuir a responsabilidade do relato do acontecimento à testemunha, ainda que o entrevistador esteja presente e disponível para apoiar a testemunha; na imagem mental, similar ao restabelecimento do contexto, no entanto nesta técnica é pedido à testemunha que relate com um maior detalhe determinados factos do acontecimento em vez de relata-lo de forma geral; e na construção de relação com a testemunha, que passa pelo estabelecimento, do início ao fim da entrevista, de uma relação positiva, onde é explicado o que vai acontecer, devendo ser mantida sempre uma postura de escuta ativa por parte do entrevistador (Paulo et al., 2013).

A Entrevista Cognitiva Melhorada é, atualmente, considerada um dos protocolos de entrevista com o maior sucesso no que se refere à obtenção de informação precisa, por parte de

testemunhas, estejam estas em condições de vulnerabilidade ou não (Eisenberg, 2019). No entanto, é essencial compreender que este tipo de entrevista compreende múltiplas mnemónicas e instruções que podem contribuir de forma diferente para o efeito de superioridade da mesma em relação a outras técnicas de entrevista (Griffiths & Milne, 2010).

Neste sentido, de acordo com Paulo, Albuquerque e Bull (2016) revela-se necessário avaliar-se a eficácia de cada uma das componentes da ECM individualmente. Os resultados dos estudos que investigaram a eficácia individual de cada uma das componentes da ECM revelaram que procedimentos como: estabelecer relação com a testemunha (Kieckhafer, Vallano, & Compo, 2014), pedir um relato livre inicial (Lamb, La Rooy, Malloy, & Katz, 2011), o restabelecimento mental do contexto (Milne & Bull, 2002), ou pedir ao sujeito que "feche dos olhos" (Vredeveltdt, Tredoux, Kempen, & Nortje, 2015), são técnicas que se revelaram importantes para a obtenção de mais informações. No entanto, outros componentes da ECM, poderão ser menos eficazes.

Fisher & Geiselman (2010) defendem que é importante desenvolver novas técnicas que possam ser adicionadas ao protocolo da Entrevista Cognitiva, de forma a que esta se adapte o mais possível aos objetivos pretendidos pelos agentes policiais. Tendo em conta esta premissa, foram várias as investigações nesta área, surgindo, ao longo dos anos, várias propostas de modificações / adaptações a serem implementadas ao protocolo original de entrevista. Por exemplo, Gabbert, Hope, e Fisher (2009) desenvolveram a *Self-Administered Interview Tool*, dirigida a agentes policiais que se deparam com múltiplas testemunhas oculares para o mesmo crime; outros autores, em estudos com crianças em idade pré-escolar, propuseram adaptações à forma como as instruções são dadas pelos investigadores (Verkampt, & Ginet, 2010) e, recentemente, num estudo conduzido por Paulo et al., (2016), foi estudada uma mnemónica alternativa de recuperação de memórias do evento, recorrendo à técnica de restabelecimento do contexto conjuntamente com a instrução de organização da informação relatada em categorias semânticas.

### **Estratégia / Mnemónica de Recuperação por Categorias**

Embora as mnemónicas de mudança de ordem e mudança de perspetiva possam ser úteis para alguns fins específicos, como o aumento dos mecanismos cognitivos utilizados pelo sujeito durante o relato (Dando, Wilcock & Milne, 2008), estes são procedimentos um pouco controversos (Paulo et al., 2016). As principais críticas atribuídas a estas duas técnicas residem sobre o facto de estes serem procedimentos que demoram uma quantidade de tempo

considerável na sua aplicação e apenas acrescentam um número limitado de unidades de informação (Bensi, Nori, Gambetti & Giusberti, 2011), razão pela qual os agentes policiais consideram que a aplicação destes dois procedimentos é ineficaz, demorada e de difícil utilização (Dando et al., 2008; Kebbell, Milne, Wastaff, 1999).

Milne e Bull (2002) analisaram a eficácia de cada uma das quatro mnemónicas originais da Entrevista Cognitiva, num estudo com adultos e crianças e, em todos os grupos estudados, concluíram que uma combinação entre a mnemónica de Restabelecimento do Contexto e o Relato Livre era mais eficaz, quando comparada com o uso individual das outras técnicas.

Desta forma, também podem existir outros métodos, mais eficazes, para conduzir esta tentativa de recuperação de informação como, por exemplo, a teoria da ativação do processamento semântico (Collins & Loftus, 1975). Esta sugere que a memória é frequentemente organizada de acordo com a semelhança semântica e que a ativação de memórias semanticamente relacionadas poderá ocorrer ao recuperar sucessivamente informações que estejam relacionadas com uma categoria semântica específica. Ou seja, quando é solicitado ao sujeito a evocação de memórias relativas à da categoria objetos, ao evocar a palavra mesa, poderá potenciar a evocação de objetos semelhantes, como por exemplo, “cadeira” ou “secretária” que, posteriormente, poderão privilegiar a evocação de outros objetos relacionados tais como “papel” ou “lápiz” (Paulo et al., 2016).

Alem disso, quando solicitado aos indivíduos que memorizem listas de palavras aleatórias, estes agrupam essas palavras em categorias semânticas durante a evocação (Manning & Kahana, 2012). Quando esta estratégia de evocação é utilizada espontaneamente ou através de instrução prévia, geralmente resulta na recordação de mais palavras (Paulo et al., 2016). De acordo com os mesmos autores, de forma semelhante ao que foi estudado para a recordação espontânea de listas de palavras, se a evocação de memórias relativas a um evento criminal for organizada em categorias (e.g., detalhes de objetos, detalhes de ações e detalhes de pessoas), pode aumentar a quantidade de informações relatadas pelas testemunhas. Tendo em conta, ainda, que podem ser usadas várias pistas e estratégias de evocação para aceder à memória, a organização de um crime em diferentes categorias semânticas, pode desencadear a evocação de memórias adicionais (Tulving, 1991) e, por isso, ser uma estratégia eficaz na entrevista a testemunhas (Paulo et al., 2016).

Neste sentido, foi, recentemente, introduzida por Paulo et al., (2016) a Recuperação por Categorias (RC) na literatura relacionada com a memória de testemunhas oculares. Esta nova estratégia de recuperação consiste em apresentar às testemunhas várias categorias, que sejam relevantes para o crime que está a ser investigado, uma de cada vez, e pedido que relatem o

máximo de informação possível sobre cada uma delas (por exemplo, pedir à testemunha que comece por relatar tudo o que se recorda acerca da descrição das pessoas envolvidas no crime, de seguida que descreva todas as suas ações e posteriormente que dê informação acerca do ambiente onde o crime decorreu) (Thorley, 2018). Num estudo conduzido por Paulo et al., (2016), concluiu-se que, o uso da mnemónica de recuperação por categorias, durante a segunda tentativa de relato, poderia aumentar a quantidade de informações relatadas pelos participantes, quando comparada com a mnemónica de Mudança de Ordem, sem comprometer a precisão da informação. Os participantes em estudo, evocaram um número consideravelmente maior de detalhes corretos utilizando o recurso a categorias semânticas, relativos ao acontecimento percecionado, quando comparados com os participantes que utilizaram a mnemónica de mudança de ordem. Desta forma, o uso de grupos categóricos para recordar um evento criminal, poderá ser uma estratégia mais natural de recuperação, visto que, muitas vezes, os sujeitos quando respondem espontaneamente, têm tendência a codificar e organizar informação em *clusters* semânticos, podendo então esta técnica ser mais compatível com a organização mental das testemunhas (Manning & Kahana, 2012).

Thorley (2018), numa investigação em que comparou, de forma direta, a técnica de Recuperação por Categorias com a técnica de Relato Livre, numa única tentativa de relato, observou que os participantes que recorreram à estratégia de RC, relataram um maior número de informações corretas quando comparados com os participantes que usaram o RL. De igual forma, os indivíduos aos quais foi pedido que relatassem a informação descrevendo uma categoria de cada vez, forneceram um maior número de detalhes corretamente relatados relativos às características das pessoas presentes no crime visualizado bem como do ambiente que envolvia o acontecimento.

### **Intervenção do Entrevistador na ECM**

De acordo com Paulo et al., 2015 e, tendo em conta o anteriormente descrito sobre as várias fases da ECM, existe um conjunto de diretrizes que devem ser seguidas pelo entrevistador que são importantes na recolha do relato de qualquer testemunha tais como: i) explicar à testemunha o motivo pelo qual foi chamada, descrevendo de forma pormenorizada o que irá acontecer durante o decorrer da entrevista; ii) estabelecer uma boa relação com a testemunha; iii) pedir à testemunha que relate o máximo de informação possível, sendo o mais detalhada possível na sua descrição acerca do crime, visto que foi ela quem presenciou o crime e, por isso, tem na sua posse informação que o entrevistador desconhece; iv) pedir à testemunha

que não tente adivinhar ou supor informação; v) informar a testemunha que, ao longo de todo o processo, o entrevistador estará disponível para a ajudar, tendo em conta a natural exigência inerente ao exercício de recordar informação; vi) pedir, por fim, um relato inicial em que o entrevistador intervém o menos possível.

Assim sendo, após solicitar à testemunha que relate o acontecimento que presenciou, o entrevistador deverá manter uma postura de escuta ativa, ou seja, deve escutar atentamente o relato da testemunha, demonstrando interesse nas suas declarações (Westphalen, 2011). A escuta ativa, por parte do entrevistador envolve, igualmente, não interromper a testemunha, pois esta interrupção pode transmitir a ideia de que há algum erro ou irrelevância no que a mesma está a relatar, ou pode levar o entrevistado a relatar menos informação de forma não voluntária.

De acordo com o mesmo autor, o efeito inibitório que a intervenção do entrevistador pode ter sobre o relato livre dos acontecimentos por parte da testemunha, nomeadamente as interrupções, pode condicionar o processo de recuperação de memórias. O entrevistador deverá, igualmente, permitir pausas no relato da testemunha, evitando interpretar essas pausas como sendo o final da narrativa. Desta forma, e visto que a evocação de memórias implica um trabalho cognitivo árduo, se a testemunha fizer pausas ao longo do seu relato, não é indicado que o entrevistador tente preencher essa lacuna com outra pergunta. Em termos práticos, é sugerido que o entrevistador, espere cerca de 10 segundos em silêncio para poder considerar que o entrevistado concluiu aquilo que tinha para dizer.

### **Atenção / Concentração e recuperação de Memórias**

Ao longo da história moderna da psicologia e da neurociência, a memória e a atenção têm sido destacadas como processos fundamentais do funcionamento intelectual (Chun & Turk-Browne, 2007). De acordo com Chun e Turk-Browne (2007), embora seja mais comum investigar-se sobre como a atenção poderá melhorar a capacidade mnésica, tem havido um crescente interesse em estudar como a memória otimiza, igualmente, a capacidade de atenção e de perceção.

A memória tem uma capacidade limitada e, portanto, a atenção tem um papel fulcral em determinar o que será ou não codificado. Para além da atenção permitir que haja codificação de memórias mesmo no decorrer de outra tarefa concorrente, a própria memória relativa à experiência passada orienta também aquilo que deve ser atendido pelo indivíduo. Ainda, as áreas cerebrais, como o hipocampo e as estruturas do lobo temporal médio, que têm um papel

ativo na memória, são igualmente recrutadas em tarefas relacionadas com a atenção (Chun & Turk-Browne, 2007).

A atenção é um pré-requisito importante no que toca ao relato de informação (Lang, 2000). Bol e colaboradores (2016), no decorrer das suas investigações, encontraram uma relação positiva entre a atenção e o relato de informação em amostras constituídas por adultos. Em idades mais precoces, os autores verificaram que o relato de informação parece ser independente da atenção prestada ao evento a recordar.

Desde a investigação pioneira relativa à aprendizagem através de pistas categóricas (Shepard, Hovland & Jenkins, 1961) até aos dias de hoje, a atenção seletiva tem sido considerada como uma das importantes componentes nos modelos que usam o agrupamento por categorias como facilitadores deste mesmo processo (Sloutsky & Deng, 2016).

### **Necessidade de Cognição (*Need for Cognition*) e recuperação de memórias**

Pode entender-se a Necessidade de Cognição (NC), como a tendência individual para empreender e apreciar esforços cognitivos (Cacioppo e Petty, 1982). Cacioppo e Petty (1982) fazem uso do conceito como forma de identificar indivíduos que tendem a envolver-se na elaboração cuidadosa da informação. O conceito passa assim a definir uma característica de personalidade (motivação intrínseca) definida como o grau em que o indivíduo se envolve em atividades cognitivas e tem gosto em realizar essas atividades. Cacioppo, Petty, Feinstein e Jarvis (1996) afirmam que os indivíduos com níveis de necessidade de cognição elevados, procuram dar sentido aos estímulos processados, adquirindo e refletindo sobre a informação. Comparativamente, sujeitos com baixos níveis de necessidade de cognição tendem a confiar mais em heurísticas cognitivas, nos outros ou em processos de comparação social para entenderem esses estímulos (Cacioppo et al., 1996), preferindo, usualmente, evitar o esforço cognitivo.

Ainda que, a necessidade de cognição, inicialmente tenha sido associada ao processamento da mensagem persuasiva (Sojka & Deeter-Schmelz, 2008), também é feita menção à sua relação com a personalidade (Sadowski & Cogburn, 1997), com a criatividade (por exemplo, Tsai, Ting, & Kao, 1989) e com a memória (Lassiter, Briggs, & Slaw, 1991).

Cacioppo e Petty (1983), em variados estudos, concluíram que alunos do ensino superior, com uma alta necessidade de cognição, recordaram significativamente mais frases de um texto escrito do que aqueles que apresentavam uma baixa necessidade de cognição. Da mesma forma, Cacioppo, Petty e Kao, (1984) relataram que, participantes com uma baixa

necessidade de cognição recordavam-se de menos conversas de um excerto exibido em áudio do que os participantes com uma maior necessidade de cognição. Ainda, através da perspectiva da teoria do processamento ( Craik e Lockhart, 1972), há razões para acreditar que, indivíduos com uma alta necessidade de cognição, tendem a abordar ou codificar informações a partir de um nível de processamento de associação semântica mais profundo do que aqueles que apresentam uma baixa necessidade de cognição (Kardash e Noel, 2000).

### **Proposta de estudo**

O presente estudo pretendeu averiguar se a mnemónica de recuperação por categorias ajudaria os participantes a recuperarem mais informação, sem comprometer a precisão do relato. Ou seja, teve-se como objetivo avaliar se utilizar categorias semânticas para orientar a evocação dos acontecimentos, em vez de se pedir aos participantes para relatarem o acontecimento de forma livre, permitia que estes se recordem de mais informações, mantendo a precisão da informação.

Tendo em conta a contaminação a que o relato da testemunha pode estar sujeito por parte do entrevistador, nomeadamente no que se refere à interpretação das pausas inerentes ao discurso do entrevistado, pretendeu-se, ainda, verificar se utilizando um suporte escrito com as várias categorias semânticas, em vez destas pistas serem fornecidas pelo entrevistador, verbalmente, ao longo do relato, permitiria que os participantes evocassem uma maior quantidade de informação, de forma igualmente precisa.

Desta forma, e com base na literatura, foram estabelecidas três hipóteses principais: i) os participantes entrevistados com o procedimento de recuperações por categorias (RC), em vez dos entrevistados com a técnica de relato livre (RL) iriam recuperar um maior número de unidades de informação, ii) sem comprometimento da precisão da informação; iii) os participantes entrevistados com o auxílio de uma folha com as categorias semânticas iriam recuperar um maior número de unidades de informação, quando comparados com aqueles a quem as pistas das categorias semânticas eram dadas pelo entrevistador.

Dado os processos cognitivos subjacentes à ECM, pretendeu-se, ainda, averiguar se existia uma relação entre a necessidade de cognição dos participantes, a sua capacidade de atenção/concentração e a quantidade e qualidade da informação que conseguiram recuperar. Tendo em conta a literatura referente à relação existente entre a atenção e a memória, estabeleceu-se a hipótese de que existiria uma correlação positiva entre estas variáveis, ou seja, quanto maior a capacidade de atenção, maior a quantidade de unidades de informação relatadas

e maior a precisão desta informação. De igual forma, com base em estudos anteriores que evidenciaram que indivíduos com uma alta necessidade de cognição tendem a recordar e codificar mais informação, era esperado que valores mais altos de necessidade de cognição se correlacionassem positivamente com um maior número de unidades de informação relatadas e com uma maior precisão.

## Método

### Participantes

A amostra é constituída por um total de 36 participantes, 14 homens e 22 mulheres, com idades compreendidas entre os 23 e os 35 anos ( $M = 27$ ,  $DP = 3$ ). Os participantes foram divididos, de forma aleatória, em quatro grupos: Relato livre (RL1:  $N = 9$ ); Relato livre com auxílio de uma folha com categorias semânticas (RL2:  $N = 9$ ); Recuperação por categorias (RC1:  $N = 9$ ) e Recuperação por categorias com auxílio de uma folha com categorias semânticas (RC2:  $N = 9$ ).

No grupo RL1 os participantes têm idades compreendidas entre os 23 e os 32 anos ( $M = 27$ ,  $DP = 3$ ). No grupo RL2 os participantes têm idades compreendidas entre os 24 e os 35 anos ( $M=29$ ;  $DP=3$ ). No grupo RC1 os participantes têm idades compreendidas entre os 23 e os 30 ( $M=27$ ,  $DP=2$ ) e no grupo RC2 os participantes têm idades compreendidas entre os 23 e os 28 ( $M=26$ ,  $DP=2$ ). A amostra foi selecionada por conveniência e por voluntariado (Marôco, 2018).

### Materiais e Procedimento

Os participantes foram contactados pessoalmente ou por via telefónica. Foi-lhes explicado em que consistia o estudo e agendado um encontro posterior individual no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), de acordo com a disponibilidade de ambas as partes.

No início do encontro com cada um dos participantes estes leram o Consentimento Informado (Anexo A) onde vinha descrito o objetivo principal do estudo bem como a sua importância e, explicadas de forma sucinta, as várias fases da experiência – visualização de um vídeo e posterior entrevista acerca do mesmo, sendo esta última gravada em áudio. Era, ainda, garantido, o anonimato de todas as informações fornecidas pelos participantes. Após a leitura do consentimento este foi assinado pelos participantes.

#### Evento a ser recordado

Após ter sido assinado o consentimento informado, foi pedido aos participantes que visualisassem atentamente um vídeo de um crime não violento e que lhes seria solicitado que se recordassem do máximo de informação possível, acerca do mesmo, numa fase posterior da experiência. O vídeo exibido foi editado a partir de um excerto de um filme português de 2004 intitulado “Sorte Nula” (Fernando Fragata, 2004). Teve a duração de 2 minutos e 55 segundos e a ação principal retratava o transporte de um corpo morto, por dois adolescentes do sexo

masculino, de um local para outro, onde acabam por abandoná-lo. A visualização do vídeo decorreu numa sala do ISPA previamente reservada. Relativamente às variáveis associadas ao contexto experimental, foram mantidas as condições de som, ruído, luminosidade do espaço e dos ecrãs para todos os participantes.

### **Instrumentos**

Após a visualização do vídeo, cada participante realizou duas tarefas distratoras, com a duração de aproximadamente 25 minutos ( $M = 24.75$ ,  $DP = 3.18$ ) nomeadamente: a escala de Necessidade de Cognição (Anexo B) e o d2 – Teste de Atenção (Anexo C).

#### Escala de Necessidade de Cognição

Foi aplicada a escala de Necessidade de Cognição, na sua versão reduzida, publicada por Cacioppo et al., em 1984. Os autores mencionados anteriormente referem que esta versão reduzida, que é composta por 18 itens, explica 37% da variabilidade da necessidade de cognição enquanto que, a versão original, publicada por Cacioppo e Petty em 1982, composta por 34 itens explica apenas 24%. Para além de explicar uma maior percentagem da variabilidade da necessidade de cognição, optou-se por utilizar o instrumento no seu modo reduzido por ser a versão que está adaptada (Silva & Marques, 2006) e validada (Gomes, Santos, Gonçalves, Ramos & Giger, 2013) para a população portuguesa. Este instrumento mede a preferência de cada indivíduo para se envolver e desfrutar de tarefas que requerem um pensamento complexo ou seja, a tendência para empreender esforços cognitivos. Os itens da escala são de resposta tipo Likert, de 5 pontos, semelhante à da escala original, em que o nível 1 representa “Não me identifico”, o nível 2 significa “Não me identifico quase nada”, o nível 3 representa “Não me identifico nem muito nem pouco”, o nível 4 significa “Identifico-me um pouco” e, finalmente, o valor 5 representa “Identifico-me bastante”. Os itens 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 16, e 17 são cotados de forma inversa (Gomes et al., 2013).

#### d2 – Teste de Atenção.

O d2, desenvolvido por Brickenkamp (1962), é um teste com tempo limitado, que permite avaliar a atenção seletiva e a capacidade de concentração. Mede, igualmente, a velocidade de processamento da informação, a precisão nesse mesmo processamento, bem como aspetos qualitativos relacionados com o desempenho. Na Folha de Respostas encontram-se 14 linhas, cada uma delas com 47 caracteres. Cada carácter corresponde a uma letra (“d” ou “p”) que, por sua vez, apresenta um, dois, três ou quatro traços que podem estar em cima e/ou

em baixo de cada letra. É pedido ao sujeito que procure em cada linha, da esquerda para a direita, as letras “d” com um total de dois traços (estes podem estar os dois em cima, os dois em baixo ou um em cima e um em baixo) e que as assinale com um traço (/). Existem letras “d” com mais ou com menos de dois traços, assim como letras “p”, às quais o sujeito deve ter atenção e não as assinalar. É um teste cronometrado em que o indivíduo dispõe de 20 segundos por linha.

Através da cotação do d2 é possível obter resultados referentes a: Total de Caracteres (TC), número de caracteres processados nas 14 linhas, que permite avaliar a velocidade de processamento de informação, bem como a quantidade de trabalho que é capaz de realizar; Total de Acertos (TA), que se refere ao número de caracteres assinalados corretamente nas 14 linhas e permite avaliar a precisão ou eficácia do sujeito na tarefa; Total de Eficácia (TC-E), que se refere à diferença entre o total de caracteres processados e o total de erros, correspondendo a uma medida do desempenho total; Índice de Concentração (IC), que diz respeito ao total de acertos menos o total de erros de tipo 2 e avalia a capacidade de concentração do sujeito; Índice de Variabilidade (IV) que se trata da diferença entre o número máximo e o número mínimo de caracteres processados e avalia a estabilidade e a consistência do desempenho ao longo da tarefa; e Percentagem de Erros (E%) que se refere à percentagem de erros cometidos ao longo do teste que podem ser de dois tipos: erros do tipo 1 (E1) que são por omissão dos caracteres relevantes ou erros do tipo 2 (E2) que são por marcação de caracteres considerados irrelevantes. Esta medida dos erros permite avaliar aspetos qualitativos do desempenho como a precisão.

Este teste encontra-se validado e adaptado para a população adulta portuguesa, apresentando uma boa consistência interna ( $\alpha > 0,95$ ) em todos os parâmetros que avalia (Rocha, 2006)

### Protocolos de Entrevista

Após a visualização do vídeo e a realização das tarefas distratoras, foi realizada uma entrevista. Os participantes foram divididos, aleatoriamente, por quatro grupos distintos: (RL1, RL2, RC1 e RC2), de acordo com a técnica de recuperação de informação utilizada na entrevista. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio.

O protocolo de entrevista utilizado foi adaptado a partir do protocolo de entrevista desenvolvido por Paulo et al., (2016). A eficácia deste mesmo protocolo foi comprovada para a população portuguesa num estudo anterior conduzido por Paulo, Albuquerque e Bull (2015) ou seja, os autores conseguiram replicar o efeito de superioridade da ECM, no que se refere à

quantidade e qualidade de informação relatada, em comparação com outros protocolos de entrevista, nomeadamente a Entrevista Estruturada (EE).

O protocolo era composto por três fases: Fase 1 (fase preliminar), Fase 2 (restabelecimento do contexto) e Fase 3 (técnica de recuperação de informação). As fases 1 e 2 do protocolo foram iguais para os quatro grupos. No entanto, a fase 3 diferiu conforme a condição de entrevista (grupo) a que os participantes pertenciam. No total, foram criados quatro protocolos de entrevista (Anexo D), com as seguintes características:

#### *Fase 1 (Fase Preliminar)*

Nesta fase do protocolo, foi explicado o propósito da entrevista, referida a importância do relato do participante e mencionado o interesse do entrevistador em ouvir tudo aquilo que o participante se conseguisse recordar acerca do vídeo. Para que fosse percebido o nível de detalhe que era pretendido no relato foi pedido ao participante que descrevesse um objeto (garrafa) que se encontrava em cima da mesa. De acordo com a resposta de cada participante, este era orientado no sentido de descrever com um maior detalhe caso não o fizesse numa primeira abordagem. De seguida, foram dadas instruções sobre o que se pretendia que fosse descrito: (...) *por favor diga-me tudo aquilo que se lembra com o maior detalhe possível (...) até os detalhes que possam parecer irrelevantes ou que apenas se lembre parcialmente (...) tem todo o tempo que precisar por isso não se preocupe em levar muito tempo a pensar no vídeo ou a relatar a informação.* Foi igualmente pedido que não tentassem adivinhar ou supor informação.

#### *Fase 2 (Restabelecimento do Contexto)*

Nesta fase, foi aplicada a técnica de restabelecimento mental de contexto. Foi solicitado aos participantes que fechassem os olhos e recriassem uma imagem mental do momento de visualização do vídeo: (...) *Gostaria que fechasse os olhos e tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato.* Foi pedido que os participantes mantivessem os olhos fechados durante toda a entrevista. Com os olhos fechados, foi solicitado que pensassem no que estavam a fazer e como se estavam a sentir antes de iniciarem a experiência, que se lembrassem do computador e do ecrã onde visualizaram o vídeo e que se focassem no vídeo que visualizaram. Posteriormente, foram enunciadas as várias categorias de informação presentes no vídeo ( objetos, pessoas, ações e sons e conversas) bem como os diferentes locais onde decorre a ação: (...) *pense em todos os objetos e detalhes da cena do crime que visualizou (...) o local onde foi encontrado o corpo... o local onde foi abandonado o corpo, a floresta onde o corpo foi transportado e a estrada que visualizou depois do corpo ter sido abandonado (...) pense agora nas pessoas que estavam presentes no vídeo, na sua aparência e no seu vestuário*

*(...) nas ações que ocorreram ( ...) nos sons e conversas que ouviu na cena, por exemplo um diálogo ou outros sons que possa ter ouvido.*

### *Fase 3 (Técnica de Recuperação de Informação)*

Esta fase diferiu conforme o grupo em que estavam os participantes. Para o grupo com a condição Relato Livre (RL1), foi pedido aos participantes que, após o restabelecimento mental do contexto, relatassem tudo aquilo que se recordavam acerca dos vários locais e categorias de informação, pela ordem e ritmo que preferissem.

Aos participantes do grupo com a condição Relato Livre com o auxílio de uma folha (RL2), foi solicitado que, à semelhança do grupo RL1, relatassem toda a informação que se recordavam acerca dos vários locais e categorias de informação, pela ordem e ritmo que preferissem, mas à sua frente tinham uma folha A4, com as quatro categorias de informação escritas (objetos, pessoas, ações e sons e conversas), que poderiam consultar, abrindo os olhos momentaneamente, sempre que desejassem.

Aos participantes do grupo com a condição Recuperação por Categorias (RC1), foi solicitado que relatassem toda a informação que se conseguissem recordar, com o máximo detalhe, acerca dos vários locais e categorias de informação presentes no vídeo. No entanto, foi solicitado que o fizessem focando-se numa categoria de informação de cada vez - objetos, pessoas, ações e sons e conversas - e dito que não deveriam preocupar-se pois seriam lembrados, sempre que necessário, destas categorias.

No grupo com a condição Recuperação por Categorias com o auxílio de uma folha, à semelhança do grupo RC1, foi pedido que relatassem toda a informação com o máximo de detalhe, focando-se numa categoria de cada vez. No entanto, em vez de serem auxiliados pelo entrevistador caso não se recordassem de alguma categoria, tinham à sua frente uma folha A4, igual aquela que foi usada no grupo RL2, que poderiam consultar, abrindo os olhos momentaneamente, sempre que precisassem, de forma a evitar a interferência do entrevistador no relato do participante.

Foram selecionadas estas categorias de informação (pessoas, objetos, ações, sons e conversas) pelos seguintes motivos: i) são tópicos de uma importância frequente nas investigações policiais e, por isso, comumente utilizadas no processo de codificação de entrevistas investigativas; ii) são categorias muito gerais que estão presentes em quase todos os crimes, minimizando o impacto do entrevistador sobre o relato do participante e substituindo a necessidade de utilizar perguntas muito específicas que podem ter um efeito negativo sobre a recuperação da informação; e iii) a categoria “ sons e conversas” recai sobre outro modo

sensorial (audição em vez da visão) que pode ser importante para obter novas informações (Fisher e Geiselman, 1992).

As instruções foram previamente ensaiadas e uniformizadas de forma a que não variassem de participante para participante. Relativamente às variáveis associadas ao contexto experimental, foram mantidas as condições de som, ruído, luminosidade e temperatura da sala onde decorreram as entrevistas. As variáveis relativas aos participantes não puderam ser controladas com o mesmo rigor, na medida em que são variáveis pessoais e intrínsecas a cada participante, não se podendo controlar de que forma cada sujeito se envolve com a tarefa em questão, nem as motivações inerentes à sua participação.

### **Codificação de dados**

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. A codificação focou-se na informação referente ao vídeo visualizado pelos participantes, excluindo, portanto, quaisquer trocas introdutórias no início da entrevista, ou discussão de detalhes no final da entrevista. Foi compilada uma lista que abrangia os detalhes do vídeo e as unidades de informação presentes no mesmo foram categorizadas como: i) pessoa; ii) ação; iii) objeto; iv) localização; v) conversação e vi) som, resultando num total de 377 unidades de informação. As informações recuperadas foram, ainda, classificadas como corretas ou incorretas (e.g. dizer que a arma era verde, quando esta era preta). Declarações ou opiniões subjetivas, não foram tidas em conta (e.g. ele tinha um ar culpado).

### **Fiabilidade inter-codificador**

Para a avaliação da fiabilidade inter-codificadores foram selecionadas 20% do total de entrevistas (8 entrevistas), aleatoriamente, e posteriormente cotadas por um investigador que tivesse conhecimento do modelo utilizado para a cotação das mesmas, mas que, no entanto, desconhecesse as hipóteses ou objetivos do presente estudo.

Para tal, calculou-se o Coeficiente de Concordância de Kappa e foi revelada concordância para os detalhes corretos ( $K = 0,958$ ), para os incorretos ( $K = 0,958$ ), para as categorias pessoas ( $K = 0,949$ ), ações ( $K = 0,970$ ), objetos ( $K = 0,932$ ), localizações ( $K = 0,967$ ), conversações ( $K = 1,00$ ) e sons ( $K = 1,00$ ).

## **Delineamento**

Este estudo segue um desenho de caráter experimental. Trata-se de um estudo comparativo tendo como variável independente a condição de entrevista (que é definida pelo protocolo de entrevista a utilizar), com quatro níveis: i) Relato livre (RL1); ii) Relato livre com auxílio de uma folha com categorias semânticas (RL2); iii) Recuperação por categorias (RC1) e iv) Recuperação por categorias com auxílio de uma folha com categorias semânticas (RC2). Como variável dependente tem-se a quantidade de informações relatadas e precisão que foram medidas em unidades de informação e proporções, respectivamente.

Dado que se quer, igualmente, perceber se existe relação entre as variáveis necessidades de cognição, atenção/concentração e as unidades de informação relatadas pelos participantes irá ser feito um estudo correlacional entre as mesmas.

## Resultados

### Plano de análise

O principal objetivo do presente estudo consistiu em comparar as técnicas de relato livre e de recuperação por categorias no que concerne à quantidade e à qualidade da informação relatada.

Desta forma, embora tenham sido constituídos quatro diferentes grupos de entrevista (RL1, RL2, RC1 e RC2), de modo a analisar de uma forma mais geral as técnicas em estudo, estes foram agrupados em dois: o grupo RL, que continha os participantes do grupo RL1 e do grupo RL2 e o grupo RC, que era constituído pelos participantes do grupo RC1 e do grupo RC2. Para comparar as médias relativas ao total de informação relatada pelos participantes e a precisão da informação reportada por estes dois grupos, e visto tratar-se de amostras independentes, foi utilizado o teste *T-Student*. Como se trata de um teste paramétrico, verificaram-se os pressupostos da normalidade, recorrendo ao teste *Shapiro-Wilk*, visto que a amostra era inferior a 50 participantes, e da homogeneidade de variâncias, através do teste de *Levene*. Nos casos em que os pressupostos não se verificaram, recorreu-se ao teste não-paramétrico de *Mann Whitney*.

Posteriormente, de forma a estudar o impacto das diferentes variantes (com e sem folha) aplicadas a cada técnica (RL e RC), procedeu-se à comparação entre as médias dos quatro grupos de participantes (RL1, RL2, RC1 e RC2). Como se tratou de um estudo em que se pretendeu comparar as médias de mais de dois grupos, recorreu-se a uma análise de variâncias univariada para amostras independentes (ANOVA *one-way*) para testar as nossas hipóteses. Visto tratar-se de um teste paramétrico, foi necessário que se verificassem os pressupostos de normalidade, recorrendo ao teste estatístico de *Shapiro-Wilk* (uma vez que a amostra era inferior a 50 participantes) e o pressuposto da homogeneidade de variâncias, recorrendo-se ao teste de *Levene* (Marôco, 2018).

Visto que o teste ANOVA *one-way* nos permite verificar a existência de diferenças significativas entre as médias dos grupos, mas não nos indica os grupos entre os quais essas diferenças se encontram, realizaram-se também um conjunto de testes *post-hoc*, com correções *Bonferroni*, que, devido à dimensão da amostra, se revelou aquele com maior poder estatístico (Field, 2013). Perante o cenário de não validação dos pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias recorreu-se ao teste não paramétrico de *Kruskall-Wallis*. O mesmo processo foi repetido para analisar diferenças entre os quatro grupos, no que concerne às médias das várias categorias de detalhes relatadas (pessoas, ações, objetos, localizações, conversações). Apesar da codificação se ter feito com sons e conversas separadamente, na

análise das variáveis, dado o número bastante reduzido de detalhes sobre a categoria sons, esta categoria foi agrupada com a categoria conversações. Uma vez que se pretendeu, ainda, averiguar a relação entre as medidas de necessidade de cognição e de atenção/concentração com os vários detalhes relatados pelos participantes, conduziu-se um estudo correlacional de forma a avaliar a relação entre as variáveis, calculando a sua direção e magnitude (Marôco & Bispo, 2005).

### **Principais Resultados**

De forma a averiguar se existiam diferenças significativas entre as médias do total de unidades de informação relatadas pelos participantes entrevistados através da técnica de relato livre (RL) e os entrevistados através da técnica de recuperação por categorias (RC), e visto que para esta variável se verificaram os pressupostos da normalidade ( $p = .18$ ) e da homogeneidade de variâncias ( $p = .284$ ), recorreu-se ao teste *T-Student*. Verificou-se a existência de um efeito significativo do tipo de técnica utilizada no número total de unidades de informação relatadas,  $t(34) = 3.054$ ,  $p = .004$ ,  $d = 1.02$ , 95% IC [-32.392,-6.486]. Ao consultarmos a Tabela 1, verificamos que a média do total de unidades de informação relatadas pelo grupo RC é superior à média desta mesma variável no grupo RL. Estes resultados indicam que os participantes entrevistados com a mnemónica de recuperação por categorias relataram, de forma significativa, mais unidades de informação do que os participantes que entrevistados com a técnica de relato livre.

Embora os resultados acima mencionados sugiram que os participantes dos grupos de RC evocaram uma maior quantidade de unidades de informação do que os participantes dos grupos de RL e que, tal facto pode ser explicado pelo uso da mnemónica de recuperação de memórias através de categorias semânticas, é importante averiguar se a precisão da informação relatada não foi comprometida. Para tal, e como não se verificaram os pressupostos da normalidade ( $p = .20$ ) e da homogeneidade de variâncias ( $p = .117$ ) recorreu-se ao teste *Mann-Whitney*. Não foram encontrados efeitos significativos do tipo de técnica utilizada,  $U = 159.5$ ,  $p = .938$ ,  $z = -.080$ ,  $r = .82$  na precisão da informação relatada, ou seja, a informação relatada pelos participantes de ambos os grupos foi igualmente precisa.

**Tabela 1**

*Médias e Desvios Padrão do total e precisão da informação relatada, pelos grupos RL e RC*

Detalhes da Narrativa	Grupo			
	RL		RC	
	M	DP	M	DP
Total a)	54.33	16.67	73.72	21.16
Precisão % b)	.97	.03	.96	.04

*Notas.* a) média e desvio padrão do teste *T-Student*; b) média e desvio padrão do teste *Mann-Whitney*; RL, grupos de relato livre com e sem folha; RC, grupos de recuperação por categorias com e sem folha

De forma a verificar se existiram diferenças significativas no que concerne às médias do total de unidades de informação relatadas entre os quatro grupos (RL1, RL2, RC1, RC2), e, como se verificavam os pressupostos da normalidade ( $ps > .20$ ) e da homogeneidade de variâncias ( $ps > .117$ ), recorreu-se ao teste ANOVA *one-way*. O mesmo procedimento foi seguido para o número total de detalhes corretos.

Verificou-se que existiu um efeito significativo do tipo de protocolo de entrevista (grupos) utilizado no que diz respeito ao número total de unidades de informação relatadas,  $F(3,32) = 4.54$ ,  $p = .009$ ,  $n^2_p = .298$ . O teste *post-hoc*, com correções *Bonferroni*, revelou que existiram diferenças significativas entre a média do total de unidades de informação relatadas pelo grupo RL1 quando comparado com o grupo RC1 e quando comparado com o grupo RC2. Analisando as médias do total de unidades de informação relatadas (ver Tabela 2), é possível verificar que esta foi superior nos grupos RC1 e RC2 quando comparados com o grupo RL1, ou seja, a quantidade de informação relatada nos grupos entrevistados com a mnemónica de recuperação por categorias (com e sem auxílio de folha) foi significativamente superior àquela relatada pelo grupo entrevistado com relate livre sem auxílio de folha.

Relativamente ao número total de detalhes corretos, verificou-se a existência de um efeito significativo do tipo de protocolo de entrevista (grupos) utilizado,  $F(3,32) = 4.40$ ,  $p = .011$ ,  $n^2_p = .292$ . O teste *post-hoc*, com correções *Bonferroni*, revelou que existiram diferenças significativas entre a média do número total de detalhes corretos relatados pelos grupos RL1 quando comparado com o grupo RC1 e quando comparado com o grupo RC2. Na Tabela 2, pode observar-se que as médias dos detalhes corretos relatados foi superior nos grupos RC1 e RC2 quando comparados com o grupo RL1. Isto é, os grupos entrevistados através da mnemónica de recuperação por categorias (com e sem auxílio de folha) relataram

significativamente mais detalhes corretos do que os participantes entrevistados através do relato livre sem auxílio de folha.

Não foram encontradas diferenças significativas quando comparadas as médias do total de unidades de informação relatadas pelo grupo RL2 com as dos grupos RL1, RC1 e RC2, nem quando comparados os grupos RC1 e RC2 (todos os  $ps > .375$ ) para esta mesma variável. De igual forma, não foram encontradas diferenças significativas (todos os  $ps > .39$ ) quando comparadas as médias do número total de detalhes corretos relatados pelo grupo RL2 com as dos grupos RL1, RC1 e RC2 e quando comparados os grupos RC1 e RC2.

Para averiguar se existiam diferenças significativas nas médias do número total de detalhes incorretos e da precisão da informação relatada entre os quatro grupos (RL1, RL2, RC1, RC2) recorreu-se ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas entre as médias da precisão da informação relatada nos vários grupos  $H = 1.693$ ,  $p = .638$ ,  $E^2_r = .368$  nem entre as médias do número total de detalhes incorretos  $H = 3.038$ ,  $p = .386$ ,  $E^2_r = .563$ . Isto é, não existiu um efeito significativo do tipo de protocolo de entrevista utilizado sobre a percentagem de precisão com que a informação é relatada.

**Tabela 2**

*Médias e Desvios Padrão do número total de detalhes relatados, número total de detalhes corretos e incorretos e precisão da informação, para os diferentes grupos (RL1, RL2, RC1 e RC2)*

	Grupo							
	RL1		RL2		RC1		RC2	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Detalhes da Narrativa								
Corretos a)	44.22	13.61	60.67	14.74	68.44	15.06	73.33	26.44
Incorretos b)	1.67	1.23	2.11	1.62	4.11	4.26	1.56	1.42
Total a)	45.89	14.04	62.78	15.22	72.56	17.23	74.89	25.53
Precisão % b)	0.96	0.03	0.97	0.03	0.95	0.05	0.97	0.03

*Notas.* a) média e desvio padrão do ANOVA *one-way*; b) média e desvio padrão do teste *Kruskal-Wallis*; RL1, grupos de relato livre sem folha; RL2, grupo de relato livre com folha; RC1, grupo de recuperação por categorias sem folha; RC2, grupo de recuperação por categorias com folha

Foi, igualmente, estudado se existiam diferenças significativas entre as médias relativas às várias categorias de detalhes da narrativa (pessoas, objetos, ações, conversas e localizações) para os diferentes grupos. Para tal, foram verificados os pressupostos de normalidade e

homogeneidade de variâncias para as diferentes variáveis para posterior escolha do teste a utilizar. A variável objetos, a variável localizações e a variável conversações seguiam distribuição normal (todos os  $ps > .06$ ) e verificou-se, igualmente, a homogeneidade de variâncias (todos os  $ps > .05$ ). Para estas variáveis, recorreu-se, posteriormente, ao teste ANOVA *one-way*. As restantes variáveis, pessoas, ações e sons, não seguem distribuição normal (todos os  $ps < .03$ ), pelo que, para análise das diferenças existentes entre as médias dos grupos, se recorreu ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*. Foram encontradas diferenças significativas entre as médias dos vários grupos para a categoria objetos  $F(3,32) = 5.682$ ,  $p = .003$ ,  $n^2_p = 1.26$  para a categoria pessoas  $H = 8.78$ ,  $p = .032$ ,  $E^2_r = .96$  e para a categoria ações  $H = 9.648$ ,  $p = .022$ ,  $E^2_r = 1.23$ .

**Tabela 3**

*Médias e Desvio Padrão das várias categorias de detalhes da narrativa (pessoas, ações, objetos, localizações e conversações), nos diferentes grupos (RL1, RL2, RC1 e RC2)*

Categorias de detalhes	Grupo							
	RL1		RL2		RC1		RC2	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Pessoas b)	15.56	8.37	22.22	9.78	26.56	9.70	24.89	9.27
Ações b)	10.89	4.37	16.89	13.08	15.89	3.59	20.00	7.07
Objetos a)	7.67	2.78	10.11	2.71	13.11	3.76	12.78	3.46
Localizações a)	6.78	1.86	9.00	3.00	10.67	4.47	9.22	3.49
Conversações b)	4.44	2.13	7.33	4.15	6.11	2.52	7.89	4.86

*Notas.* a) média e desvio padrão do ANOVA *one-way*; b) média e desvio padrão do teste *Kruskal-Wallis*; RL1, grupos de relato livre sem folha; RL2, grupo de relato livre com folha; RC1, grupo de recuperação por categorias sem folha; RC2, grupo de recuperação por categorias com folha.

Como ilustra a Tabela 4, através do teste *post-hoc* com correções *Bonferroni*, para as médias das categorias objetos, pessoas e ações, é possível verificar que estas foram significativamente superiores nos grupos RC1 e RC2 quando comparados com o grupo RL1, todos os  $ps < .03$ . Não se verificou que o tipo de protocolo de entrevista utilizado tivesse um efeito significativo sobre o número de unidades de informação recuperadas relativas às categorias localizações, conversas e sons, todos os  $ps > .11$ .

**Tabela 4**

*Comparações múltiplas para as médias das várias categorias de detalhes nos diferentes grupos*

(I) Grupo	(J) Grupo	Pessoas Sig.	Ações Sig.	Objetos Sig.	Localizações Sig.	Conversações Sig.
RL1	RL2	0.112	0.161	0.695	1.000	0.589
	RC1	<b>0.006</b>	<b>0.030</b>	<b>0.006</b>	0.114	1.000
	RC2	<b>0.019</b>	<b>0.003</b>	<b>0.012</b>	0.783	0.304
RL2	RL1	0.112	0.161	0.695	1.000	0.589
	RC1	0.253	0.446	0.336	1.000	1.000
	RC2	0.446	0.114	0.524	1.000	1.000
RC1	RL1	<b>0.006</b>	<b>0.030</b>	<b>0.006</b>	0.114	1.000
	RL2	0.253	0.446	0.336	1.000	1.000
	RC2	0.703	0.413	1.000	1.000	1.000
RC2	RL1	<b>0.019</b>	<b>0.003</b>	<b>0.012</b>	0.783	0.304
	RL2	0.446	0.114	0.524	1.000	1.000
	RC1	0.703	0.413	1.000	1.000	1.000

*Notas.* RL1, grupos de relato livre sem folha; RL2, grupo de relato livre com folha; RC1, grupo de recuperação por categorias sem folha; RC2, grupo de recuperação por categorias com folha.

Foi, ainda, analisado, se as medidas de atenção (TA, TC-E, IC e E%), bem como a medida de necessidade de cognição de cada participante se relacionavam com o total de unidades de informação relatadas, com o número total de detalhes corretos e incorretos, com a precisão da informação e com as restantes categorias de detalhes (pessoas, ações, objetos, localizações, conversações).

Para tal, e visto que existiam variáveis que não seguiam o pressuposto da normalidade, utilizou-se o teste de correlação de Spearman. Como apresentado na tabela 5, existiu uma correlação significativa da média obtida pelos participantes na escala de necessidade de cognição com o total de unidades de informação relatadas, com o número de unidades corretas e com os detalhes relativos a objetos e relativos a conversas, todos os  $ps < .048$ . Verificou-se, igualmente, que os parâmetros de atenção relativos ao nível de eficácia e precisão da tarefa (TA), à capacidade de concentração (IC) e à percentagem de erros cometidos (E%) se correlacionavam significativamente) com o número de detalhes relatados pelos sujeitos relativos a conversações, todos os  $ps < .027$ .

**Tabela 5**

*Matriz de Correlações de Spearman entre o número total de detalhes relatados, número total de detalhes corretos e incorretos, precisão da informação, categorias de detalhes da narrativa e as medidas de Necessidade de Cognição e Atenção/Concentração.*

		Total	Pessoa	Ações	Objetos	Locais	Conv	Precisã	Corret	Incorreto
			s					o	o	
NC	R	<b>.337*</b>	.242	.286	<b>.380*</b>	.079	<b>.394*</b>	.144	<b>.332*</b>	-.128
	Sig	<b>.044</b>	.154	.091	<b>.022</b>	.647	<b>.018</b>	.403	<b>.048</b>	.458
TC-	R	.087	.030	-.033	-.011	.177	<b>.368*</b>	.118	.111	-.077
E	Sig	.613	.862	.849	.949	.302	<b>.027</b>	.493	.520	.657
IC	R	.067	-.074	-.039	-.001	.260	<b>.370*</b>	.121	.084	-.123
	Sig	.699	.668	.822	.998	.126	<b>.026</b>	.484	.628	.474

*Notas.* NC, necessidade de cognição; TC-E, medida geral de atenção; IC, índice de concentração.

## Discussão

Como descrito inicialmente, este estudo teve como principal objetivo avaliar o impacto de diferentes técnicas de entrevista, nomeadamente a mnemónica de recuperação por categorias e a técnica de relato livre, e as suas variantes (com e sem auxílio de folha), no relato de jovens adultos acerca de um evento visualizado.

Relativamente às nossas primeiras duas hipóteses, verificou-se que os grupos entrevistados através da mnemónica de recuperação por categorias (RC), relataram uma maior quantidade de informação quando comparados com o grupo entrevistado com a mnemónica de relato livre (RL). Os nossos resultados indicam também, consonante com a nossa hipótese inicial, que a precisão do relato não foi comprometida, visto que a proporção de detalhes corretos se manteve elevada nas duas condições de entrevista. Estes resultados vão ao encontro do reportado anteriormente acerca da eficácia da mnemónica de recuperação por categorias em relação a outras técnicas de entrevista. Por exemplo, Paulo et al., (2016), na sua investigação com uma amostra portuguesa, reportam que os participantes entrevistados, durante uma segunda tentativa de relato, com a técnica de recuperação da informação através de categorias semânticas relataram um número consideravelmente superior de detalhes comparativamente àqueles entrevistados com a mnemónica de mudança de ordem, uma das técnicas originais da entrevista cognitiva.

Da mesma forma, Thorley (2018), num estudo em que comparou diretamente a RC, introduzida por Paulo et al., (2016), com o relato livre (numa única tentativa de relato), sugerem-nos que a RC é superior ao RL como método de recuperação da informação. Os nossos resultados são congruentes com os apresentados anteriormente por Thorley (2018). Tais resultados podem estar relacionados com o facto da recordação de um evento através de grupos de categorias semânticas poder ser uma forma mais natural de recordar informação, visto que os indivíduos, muitas vezes, codificam, organizam e recuperam informação recorrendo, de forma espontânea, a grupos semânticos (Manning & Kahana, 2012). Assim sendo, a técnica de RC poderá ser mais compatível com a organização mental relativa a um evento.

Paulo et al. (2016) referem, igualmente, que a recuperação por categorias pode ser considerada uma estratégia que aumenta a quantidade de informação relatada, sem comprometer a qualidade dessa mesma informação. Os nossos resultados também suportam esta conclusão, uma vez que verificamos que a precisão da informação foi semelhante em todos os grupos testados. É também importante referir que, a alta precisão no relato era esperada para todos os grupos, independentemente da condição de entrevista, visto que, todos os protocolos, especialmente na fase 1 e fase 2, que eram comuns a todos os grupos, continham instruções

uniformizadas e adequadas. Como referido por Fisher (2010), as indicações dadas aos participantes de que eles não deveriam tentar adivinhar ou supor informação, mas sim dizerem que não se recordavam de mais detalhes por norma, aumenta a monitorização e controlo da informação recordada, promovendo assim uma alta precisão dessa mesma informação.

Para averiguar o impacto das duas variantes (com e sem folha) aplicadas a cada uma das técnicas de relato (RL e RC), estudou-se se existiam diferenças entre os protocolos de entrevista (RL1, RL2, RC1 e RC2) na quantidade de unidades de informação relatadas pelos participantes. Os nossos resultados sugerem que os participantes dos grupos entrevistados com a mnemónica de recuperação por categorias (RC1 e RC2), tanto o grupo que recorreu, durante o relato, ao auxílio de uma folha com as várias categorias semânticas (RC2) como o grupo em que as pistas categóricas foram dadas pelo entrevistador durante a entrevista (RC1) relataram significativamente mais informação do que os participantes entrevistados com o relato livre sem a presença da folha com categorias (RL1). Este resultado é consonante com a ideia já exposta anteriormente relativa ao impacto positivo da mnemónica de RC na recuperação de memórias relativas a um evento. No entanto, não se verificam diferenças significativas entre o grupo entrevistado com a técnica de relato livre com o auxílio da folha (RL2) e os restantes grupos.

Verificou-se, contudo, observando cuidadosamente as médias, que os participantes entrevistados com a técnica de relato livre com o auxílio da folha (RL2), relataram mais detalhes do que os participantes entrevistados com a técnica de relato livre sem o auxílio da folha de categorias. Verificou-se, também, que os participantes entrevistados com a técnica de relato livre com o auxílio da folha (RL2) forneceram menos detalhes sobre o evento do que os participantes entrevistados com a mnemónica de recuperação por categorias (RC1 e RC2). Apesar de não se terem revelado significativos, estes resultados podem sugerir-nos que: os participantes do grupo RL2, pelo fato de terem uma folha auxiliar com as várias categorias presentes no vídeo, talvez tenham acabado por conduzir o seu relato tendo em conta essas mesmas categorias à semelhança dos participantes dos grupos de RC, relatando então uma maior quantidade de informação do que o grupo RL1; e que apesar da presença da folha, alguns participantes relataram a informação da forma que preferiram, tal como instruído no protocolo, não deixando que a folha com as categorias descritas influenciasse o seu relato, acabando por relatar uma menor quantidade de informação do que os grupos de RC.

Ainda, apesar do impacto da presença da folha no grupo de RL não ser significativo e dos resultados não poderem ser generalizados dado o reduzido número da nossa amostra, pode pensar-se nestes resultados como um ponto de partida para investigar, futuramente, se o uso de

uma pista visual referente à organização do relato por categorias (e.g., folha), ainda que não seja dada esta instrução por parte do entrevistador, pode influenciar o relato da testemunha.

Contrariamente à terceira hipótese deste estudo, não encontramos diferenças significativas entre a quantidade de informação relatada pelo grupo de participantes entrevistado com a mnemónica de recuperação por categorias com o auxílio de uma folha com as categorias descritas (RC2) e o grupo também entrevistado com esta mnemónica mas com as pistas sobre as categorias dadas pelo entrevistador ao longo do relato (RC1). No entanto, ao analisarmos as médias relativas aos totais de informação relatada, verificamos que o grupo RC2 relatou, ainda que de forma não significativa, mais informação que o grupo RC1.

Como já referido, a interferência do entrevistador pode, por vezes, contaminar o relato na medida em que, as pausas que o participante ou as testemunhas fazem durante o seu discurso podem ser interpretadas como o final da evocação das memórias relativas ao evento. Aplicado ao presente estudo, talvez o entrevistador possa, por vezes, ter interpretado a pausa do participante durante o relato de uma determinada categoria como um indicador para dar a instrução para iniciar a evocação sobre uma categoria diferente, resultando num decréscimo de informação total relatada. No entanto, é de notar que, ao contrário do que acontece em muitas investigações policiais, o entrevistador neste estudo conhecia as características inerentes à postura adequada a adotar pelo entrevistador de forma a minimizar a contaminação do relato e, por essa razão, não se tenha obtido significância estatística nas diferenças encontradas. Daí seja possível que, em contexto real, e sob condições em que o tempo para a entrevista é limitado, haja uma maior tendência do entrevistador para interromper o relato da testemunha, havendo assim uma vantagem acrescida em utilizar um material de apoio com a descrição das várias categorias, em vez das pistas serem providenciadas pelo próprio entrevistador.

Explorou-se, também, se a RC, aumentava o número de detalhes relatados em cada categoria semântica. Estas categorias (pessoas, ações, objetos, localizações e conversações) foram selecionadas por serem aquelas que mais comumente constituem tópicos importantes nas investigações policiais e por serem frequentemente usadas nos processos de codificação das entrevistas investigativas (Fisher & Geiselman, 1992). Verificou-se que, apenas nas categorias pessoas, ações e objetos, os participantes dos grupos de RC recuperaram significativamente mais informação quando comparados com o grupo RL1. Já relativamente às categorias localizações e conversações, apesar das médias serem superiores nos grupos RC1, RC2 e RL2, não foram encontradas diferenças que tenham significado estatístico.

Ao longos dos anos, em investigações que têm comparado a entrevista cognitiva com outros tipos de entrevista, nomeadamente uma entrevista estruturada, têm sido encontradas

diferentes evidências no que concerne à quantidade de detalhes corretos relatados em cada uma das categorias anteriormente descritas. Por exemplo, em 1995, Milne, Bull, Koehnken e Memon, observaram que o uso da entrevista cognitiva resultou num maior número de informações corretas apenas relativo às categorias sobre pessoas e objetos. Já Granhag e Spiut (2001), reportaram que a entrevista cognitiva gerou mais detalhes relativos a objetos e ações. Ainda, Holliday (2003) observou que a entrevista cognitiva permitiu obter mais detalhes corretos relativos a pessoas, ações, objetos e localizações.

Esta variabilidade dos resultados nos vários estudos relativos ao tipo de detalhes recordados, à semelhança do que observamos na nossa investigação, pode estar relacionada com as diferenças de estímulo que existem no evento a ser lembrado, ou seja, se por exemplo, o evento envolver muitos “atores”, haverá mais detalhes relativos a pessoas para serem descritos (Wright & Holliday, 2007). Ao analisarmos os totais de detalhes de cada categoria, verificamos que os participantes no nosso estudo forneceram um número inferior de informações relativas a localizações e a conversações, o que pode ser uma das causas para não encontrarmos diferenças significativas nestas categorias nos diferentes grupos. O vídeo apresentado contava com a presença de um ator famoso como uma das personagens principais que conduzia grande parte da ação do evento o que pode ter feito com que, ao visualizarem um rosto que lhes era familiar, os participantes dessem maior atenção às suas características e comportamentos do que às características da localização/ambiente onde se desenrolava a ação. Relativamente às conversações, este tipo de detalhe obriga o participante a focar-se simultaneamente em dois modos sensoriais (Fisher e Geiselman, 1992), visão e audição e, assim sendo pode ter havido uma maior dificuldade em recuperar memórias relativas a esta categoria.

No que diz respeito à variável Necessidade de Cognição (NC), e tendo por base estudos anteriores que relatam que existe uma relação entre esta característica da personalidade e os processos cognitivos utilizados na recuperação de memórias estudou-se a influência da mesma no total de informação relatada pelos participantes. À semelhança de outras investigações, em que se concluiu que participantes do ensino superior com uma alta necessidade de cognição recordaram significativamente mais frases de um texto escrito do que aqueles que apresentavam uma baixa necessidade de cognição (Cacioppo et al., 1983), neste estudo também foi encontrada uma correlação significativa positiva entre a quantidade total de informação relatada a necessidade de cognição dos participantes. Esta relação é, ainda, reforçada pelo facto de os indivíduos com uma alta necessidade de cognição, tenderem a abordar ou codificar informações a partir de um nível de processamento de associação semântica, aquele que era usado no

presente estudo para os grupos de RC, mais profundo do que aqueles que apresentam uma baixa necessidade de cognição (Kardash e Noel, 2000).

Ao estudar a relação da atenção com o total de informação relatada pelos participantes, não foi encontrada uma correlação significativa entre as variáveis. Estes resultados podem sugerir que, a capacidade de atenção dos indivíduos, nomeadamente a atenção sustentada e a capacidade de concentração que foram aquelas avaliadas neste estudo, não têm uma influência direta na recuperação de memórias acerca de um evento. Desta forma, é importante que os profissionais, nas investigações policiais, tenham em conta todos os testemunhos, incluindo aqueles que provêm de indivíduos com diagnósticos clínicos que estejam associados a um comprometimento destas capacidades, pois as evidências parecem sugerir-nos que as mesmas não serão indicadoras de um relato menos rico ou menos preciso. Devemos, contudo, interpretar estes resultados com cautela tendo em conta o tamanho reduzido da nossa amostra.

Ao analisar se existia alguma relação entre a necessidade de cognição e a atenção com as várias categorias de detalhes, encontrou-se uma correlação significativa positiva apenas entre a necessidade de cognição e os detalhes relativos a conversações e entre a atenção concentrada e esta mesma categoria de detalhes. Para evocar memórias relativas a conversas, como referido anteriormente, estão ativadas simultaneamente áreas sensoriais visuais e auditivas. Esta multiplicidade de estímulos requer, então, um maior uso das capacidades cognitivas. As evidências encontradas neste estudo vão ao encontro de uma investigação anterior em que se concluiu que indivíduos com uma baixa necessidade de cognição recordavam menos conversas de um excerto exibido em áudio do que os participantes com uma maior necessidade de cognição (Cacioppo et al., 1986).

### **Limitações e investigações futuras**

Tal como todos os estudos científicos, a presente investigação apresenta algumas limitações. A primeira limitação prende-se com o tamanho reduzido da amostra, o que condiciona a possibilidade de generalização dos resultados encontrados. Por exemplo, relativamente aos principais objetivos do estudo, apesar de se ter verificado uma dimensão do efeito forte ( $d = 1.02$ ) em relação ao impacto da recuperação por categorias na quantidade de informação relatadas, quando se procedeu a uma comparação entre as várias variantes de cada técnica (RL1, RL2, RC1 e RC2) a dimensão do efeito foi significativamente menor ( $d = .298$ ). Assim, serão necessárias mais investigações no sentido de averiguar se a presença de uma folha

de auxílio com as categorias descritas tem impacto mesmo quando usadas as instruções de relato livre.

Os participantes foram avisados, antes da visualização do vídeo, que se teriam de recordar, posteriormente, do evento a que tinham assistido. Desta forma, poderá ter havido um esforço deliberado para memorizar a informação, havendo uma intencionalidade na retenção de memórias acerca do acontecimento, o que não acontece em situações reais em que, na sua maioria, as testemunhas não se apercebem da importância do que estão a perceber no momento até serem questionadas acerca do mesmo.

O envolvimento pessoal num evento, pode facilitar a memória, aumentando a atenção, o interesse e a dependência dos próprios esquemas mentais sendo que, os indivíduos que participam num acontecimento tendem a relembrar-se de mais informação sobre este do que aqueles que são apenas espetadores (Mulligan & Hornstein, 2003). Numa meta-análise conduzida por Kohnken et al., (1999) foi demonstrado que os efeitos facilitadores da EC se tornavam mais fortes quanto mais realísticos eram os procedimentos experimentais usados (por exemplo, quando havia uma encenação do evento ou quando os participantes estavam diretamente envolvidos em vez de ser apenas visualizado um vídeo). Desta forma, sugere-se que, no futuro, se investigue o efeito da mnemónica de RC em contextos mais próximos de situações reais, em que possa haver uma envolvência mais direta por parte dos indivíduos.

Outra potencial limitação, reside no facto de todas as entrevistas terem sido conduzidas pelo mesmo investigador. As suas expectativas poderem ter influenciado a quantidade e a qualidade da informação relatada em cada condição de entrevista, principalmente nas condições em que havia a interferência do entrevistador durante o relato. No entanto, isto é pouco provável pois houve um cuidado acrescido para respeitar as pausas dos participantes e interferir o menos possível no seu discurso. A entrevistadora também tinha já um grau de familiaridade previamente estabelecido com os participantes por serem seus conhecidos, o que pode ter feito com que algumas fases da EC (e.g.: estabelecimento da relação com a testemunha ou a transferência de controlo) não tenham acontecido com a neutralidade prevista. Assim sendo, sugere-se, à semelhança daquilo que foi feito noutros estudos (Milne & Bull, 2002) que em investigações futuras sobre as possíveis variantes da técnica de recuperação por categorias, este problema seja minimizado pedindo a diferentes entrevistadores, treinados para o propósito, mas que desconheçam tanto os participantes como também as hipóteses em estudo.

Finalmente, contrariamente ao presente estudo que usou um intervalo de 1 hora entre a visualização do evento e a entrevista, futuramente sugere-se que o impacto da RC numa

primeira tentativa de relato seja estudado com um intervalo de tempo superior, nomeadamente entre 24 a 48 horas, assemelhando-se o mais possível a uma investigação policial real.

### **Conclusão e Implicações Práticas**

De um modo geral, esta investigação sugere que as pessoas a quem foi diretamente solicitado que, após a visualização de um evento, dessem informação detalhada acerca das pessoas, ações, objetos, locais e conversações, conseguiram fornecer um relato mais rico e mais preciso do que aquelas a quem foi pedido que descrevessem livremente o evento. Existem diversas implicações práticas que emergem com a presente investigação. Focando-se este estudo numa comparação direta entre o relato livre e a recuperação por categorias numa primeira tentativa de relato, a técnica de recuperação de categorias parece atenuar algumas dificuldades referidas pelos agentes policiais relacionadas com a elevada demora na aplicação algumas técnicas inerentes à Entrevista Cognitiva. Tendo-se verificado que pedir diretamente às testemunhas que relatem o acontecimento dando informação acerca das pessoas, objetos ou ações se mostrou eficaz na obtenção de informação, a utilização desta técnica pode ser implementada diretamente em entrevistas no local do crime ou, posteriormente em testemunhos recolhidos em esquadras policiais. O uso de uma folha, se se mostrar eficaz em investigações posteriores com uma amostra mais representativa, tratando-se de um material de fácil acesso, vem também facilitar o decurso das investigações por poder ser utilizado em qualquer local e circunstância, podendo ser uma ferramenta que ajude a potenciar um relato mais rico.

Por fim, tendo em conta que as técnicas de recuperação de memórias se baseiam em processos cognitivos, a relação entre a psicologia e a área forense deve ser cada vez mais explorada, pelas suas importantes implicações na eficácia das investigações criminais e também na formação de agentes policiais.

## Referências

- Bensi, L., Nori, R., Gambetti, E., & Giusberti, F. (2011). The Enhanced Cognitive Interview: A study on the efficacy of shortened variants and single techniques. *Journal of Cognitive Psychology*, 23, 311-321. doi: 10.1080/20445911.2011.497485
- Bol, N., Van Weert, J. C. M., Loos, E. F., Romano Bergstrom, J. C., Bolle, S., & Smets, E. M. A. (2016). How are online health messages processed? Using eye tracking to predict recall of information in younger and older adults. *Journal of Health Communication*. doi:10.1080/10810730.2015.1080327
- Brickenkamp, R. (2007). D2-Teste de Atenção. Lisboa: CEGOC-TEA.
- Cacioppo, J. T., & Petty, R. E. (1982). The need for cognition. *Journal of personality and social psychology*, 42, 116. doi: 10.1037/0022-3514.42.1.116
- Cacioppo, J. T., Petty, R. E., & Morris, K. J. (1983). Effects of Need for Cognition on Message Evaluation, Recall, and Persuasion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(4), 805-818. doi:10.1037/0022-3514.45.4.805
- Cacioppo, J., Petty, R., & Kao, C. (1984). The Efficient Assessment of Need for Cognition. *Journal of Personality Assessment*, 48, 306-307. doi:10.1207/s15327752jpa4803\_13
- Cacioppo, J. T., Petty, R. E., Feinstein, J. A., & Jarvis, W. B. G. (1996). Dispositional differences in cognitive motivation: The life and times of individuals varying in need for cognition. *Psychological Bulletin*, 119, 197-253. doi:10.1037/0033-2909.119.2.197
- Chun, M. M., & Turk-Browne, N. B. (2007). Interactions between attention and memory. *Current opinion in neurobiology*, 17, 177-184. doi: 10.1016/j.conb.2007.03.005
- Collins, A. M., & Loftus, E. F. (1975). A spreading-activation theory of semantic processing. *Psychological Review*, 82, 407-428. doi:10.1016/B978-1-4832-1446-7.50015-7.
- Colomb, C. & Ginet, M. (2012). The Cognitive Interview for use with adults: an empirical test of an alternative mnemonic and of a partial protocol. *Applied Cognitive Psychology*, 26, 35-47. doi: 10.1002/acp.1792
- Colomb, C., Ginet, M., Wright, D., Demarchi, S., & Sadler, C. (2013). Back to the real: Efficacy and perception of a modified cognitive interview in the field. *Applied Cognitive Psychology*, 27, 574-583. doi: 10.1002/acp.2942

- Craik, F. I., & Lockhart, R. S. (1972). Levels of processing: A framework for memory research. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, 11, 671-684. doi: 10.1016/S0022-5371(72)80001-X
- Dando, C. J., Wilcock, R., & Milne, R. (2008). The cognitive interview: Inexperienced police officers' perceptions of their witness interviewing behaviour. *Legal and Criminological Psychology*, 13, 59–70. doi:10.1348/135532506X162498.
- Eisenberg, P. (2019). The Cognitive Interview and Enhanced Cognitive Interview in Financial Forensics and Investigations. *Journal of Contemporary Research in Social Sciences*, 1, 55-64. doi: 10.2139/3324292
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*.
- Fisher, R. P., & Geiselman, R. E. (1992). *Memory enhancing techniques for investigative interviewing: The cognitive interview*. Charles C Thomas Publisher.
- Fisher, R. P., McCauley, M. R. and Geiselman, R. E. (1992). *Improving eyewitness memory with the cognitive interview*. In D. Ross, J. D. Read, and M. Togh (Eds.), *Adult eyewitness testimony: Current trends and developments*. New York: Cambridge University Press
- Fisher, R. P., Brennan, K. H., & McCauley, M. R. (2002). The cognitive interview method to enhance eyewitness recall. *Memory and suggestibility in the forensic interview*, 265-286.
- Fisher, R. P., & Geiselman, R. E. (2010). The cognitive interview method of conducting police interviews: Eliciting extensive information and promoting therapeutic jurisprudence. *International journal of law and psychiatry*, 33, 321-328. doi: 10.1016/j.ijlp.2010.09.004
- Gabbert, F., Hope, L., & Fisher, R. P. (2009). Protecting eyewitness evidence: Examining the efficacy of a self-administered interview tool. *Law and human behavior*, 33, 298-307. doi: 10.1007/s10979-008-9146-8
- Geiselman, R. E., Fisher, R. P., Firstenberg, I., Hutton, L. A., Sullivan, S., Avetissian, I. e Prosk, A. (1984). *Enhancement of eyewitness memory: An empirical evaluation of the cognitive interview*. *Journal of Police Science and Administration*

- Gomes, A., Santos, J., Gonçalves, G., Orgambidez-Ramos, A., & Giger, J. (2013). Estudo de validação da Escala de Necessidade de Cognição com amostra portuguesa. *Avaliação Psicológica, 12*, 179-192.
- Griffiths, A., & Milne, R. (2010). The application of cognitive interview techniques as part of an investigation. *Consultancy and advising in forensic practice: Empirical and practical guidelines*, 71-90. doi: 10.1002/9780470661505
- Holliday, R. E. (2003). The effect of a prior cognitive interview on children's acceptance of misinformation. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition, 17*, 443-457. doi: 10.1002/acp.879
- Kardash, C. M., & Noel, L. K. (2000). How organizational signals, need for cognition, and verbal ability affect text recall and recognition. *Contemporary educational psychology, 25*, 317-331. doi: 10.1006/ceps.1999.1011
- Kebbell, M. and Milne, R. (1998). Police officers' perception of eyewitness factors in forensic investigations. *Journal of Social Psychology* doi:10.1080/00224549809600384
- Kebbell, M. R., Milne, R., & Wagstaff, G. F. (1999). The cognitive interview: A survey of its forensic effectiveness. *Psychology Crime and Law, 5*, 101–115. doi:10.1080/10683169908414996.
- Kieckhaefer, J. M., Vallano, J. P., & Schreiber Compo, N. (2014). Examining the positive effects of rapport building: When and why does rapport building benefit adult eyewitness memory?. *Memory, 22*, 1010-1023. doi:10.1080/09658211.2013.864313
- Köhnken, G., Milne, R., Memon, A., & Bull, R. (1999). The cognitive interview: A meta-analysis. *Psychology, Crime & Law, 5*(1-2), 3–27. doi:10.1080/10683169908414991
- Lamb, M. E., La Rooy, D. J., Malloy, L. C., & Katz, C. (Eds.). (2011). *Children's testimony: A handbook of psychological research and forensic practice* (Vol. 53). John Wiley & Sons.
- Lang, A. (2000). The limited capacity model of mediated message processing. *Journal of Communication. doi:10.1093/joc/50.1.46*
- Lassiter, G. D., Briggs, M. A., & Slaw, R. D. (1991). Need for cognition, causal processing, and memory for behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin, 17*, 694-700. doi: 10.1177/0146167291176013

- Manning, J. R., & Kahana, M. J. (2012). Interpreting semantic clustering effects in free recall. *Memory*, 20, 511–517. doi:10.1080/09658211.2012.683010.
- Marôco, J. (2018). Análise Estatística com o SPSS Statistics (7th ed.). *Pêro Pinheiro*: Report Number.
- Marôco, J., & Bispo, R. (2005). Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas. Manuais Universitários. *Climepsi Editores*, Lisboa.
- Memon, A., Meissner, C. A., & Fraser, J. (2010). The Cognitive Interview: A meta-analytic review and study space analysis of the past 25 years. *Psychology, public policy, and law*. 16, 340. doi: 10.1037/a0020518
- Milne, R., Bull, R., Koehnken, G., & Memon, A. (1995). The Cognitive Interview and suggestibility. *Issues in Criminological & Legal Psychology*.
- Milne, R., & Bull, R. (2002). Back to basics: A componential analysis of the original cognitive interview mnemonics with three age groups. *Applied Cognitive Psychology*. doi:10.1002/acp.825
- Mulligan, N. W., & Hornstein, S. L. (2003). Memory for actions: Self-performed tasks and the reenactment effect. *Memory & Cognition*, 31, 412-421.
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B., & Bull, R. (2013). The enhanced cognitive interview: Towards a better use and understanding of this procedure. *International Journal of Police Science & Management*, 15, 190-199. doi: 10.1350/ijps.2013.15.3.311
- Paulo, Rui M., Albuquerque, Pedro B., & Bull, R.. (2014). The Enhanced Cognitive Interview: Theory, research and implementation. *Psicologia*, 28, 21-30. Retirado de: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492014000200003&lng=pt&tlng=en](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492014000200003&lng=pt&tlng=en)
- Paulo, R., Albuquerque, P. B., & Bull, R. (2015). Entrevista de Crianças e Adolescentes em Contexto Policial e Forense: Uma Perspectiva do Desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28, 623-631. Retirado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=188/18841077021>
- Paulo, R. M., Albuquerque, P. B., & Bull, R. (2016). Improving the enhanced cognitive interview with a new interview strategy: category clustering recall. *Applied Cognitive Psychology*, 30, 775-784. doi:10.1002/acp.3253

- Rocha, S. L. F. (2006). Terceiro setor. Malheiros Editores.
- Sadowski, C. J., & Cogburn, H. E. (1997). Need for cognition in the big-five factor structure. *The Journal of Psychology*, 131, 307-312. doi: 10.1080/00223989709603517
- Shepard, R. N., Hovland, C. I., & Jenkins, H. M. (1961). Learning and memorization of classifications. *Psychological monographs: General and applied*, 75,1. doi: 10.1037/h0093825
- Silva, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Medindo necessidade de cognição e fé na intuição: Tradução e adaptação das duas escalas à população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 29-43. doi:10.14417/lp.761
- Sloutsk, V., & Deng, W. (2016). Selective attention, diffused attention, and the development of categorization. *Cognitive psychology*, 2016, 91, 24-62. doi: 10.1016/j.cogpsych.2016.09.002
- Sojka, J. Z., & Deeter-Schmelz, D. R. (2008). Need for cognition and affective orientation as predictors of sales performance: An investigation of main and interaction effects. *Journal of Business and Psychology*, 22, 179-190. doi: 10.1007/s10869-008-9069-x
- Thorley, C. (2018). Enhancing individual and collaborative eyewitness memory with category clustering recall. *Memory*, 26, 1128-1139. doi: 10.1080/09658211.2018.1432058
- Tsai, C. T., Ting, S. S., & Kao, C. F. (1989). Need for cognition, brainstorming and individual creativity. *Chinese Journal of Psychology*, 31, 107-117.
- Tulving, E. (1991). *Concepts of human memory*. In L. R. Squire, N. M. Weinberger, G. Lynch, & J. L. McGaugh (Eds.), *Memory: Organization and Locus of Change*, 3 – 32. New York: Oxford University Press.
- Verkampt, F., & Ginet, M. (2010). Variations of the cognitive interview: Which one is the most effective in enhancing children's testimonies?. *Applied Cognitive Psychology*, 24, 1279-1296. doi: 10.1002/acp.1631
- Vredeveltdt, A., Tredoux, C. G., Nortje, A., Kempen, K., Puljević, C., & Labuschagne, G. N. (2015). A field evaluation of the Eye-Closure Interview with witnesses of serious crimes. *Law and human behavior*, 39, 189. doi: 10.1037/lhb0000113

- Wells, G. L., & Olson, E. A. (2003). Eyewitness Testimony. *Annual Review of Psychology*, 54, 277–295. doi:10.1146/annurev.psych.54.101601.145028
- Westphalen, C. (2011). *A aplicação da entrevista cognitiva na investigação criminal*. Monografia do Curso de Especialização (Psicologia jurídica). Centro Cultural de Formação PROJECTO. Rio Grande do Sul.
- Wright, A. M., & Holliday, R. E. (2007). Enhancing the recall of young, young–old and old–old adults with cognitive interviews. *Applied Cognitive Psychology*, 21(1), 19-43. doi: 10.1002/acp.1260

# **ANEXOS**

## **Anexo A – Consentimento Informado**

Entrevistar as testemunhas de forma eficaz é um aspeto crucial nas investigações policiais, com o intuito de conseguir testemunhos o mais ricos e precisos possível (Paulo *et al.*, 2013; Fisher, 2010). Técnicas de entrevista inadequadas podem afetar negativamente a recordação exata, resultando em testemunhos pobres (Milne and Bull, 1999). Este estudo pretende perceber se, através do uso de diferentes técnicas de entrevista, a forma como a informação é processada, tem influência na quantidade de informação que é relatada. A recuperação da memória será medida pelo número de unidades corretas de informação recuperadas. Se no caso de aceitar e decidir participar, será solicitado a assistir a um vídeo de crime não violento, com duração não superior a três minutos. Será entrevistado individualmente, presencialmente, após uma hora será solicitado a lembrar-se do máximo possível sobre o vídeo visualizado. A entrevista será gravada em áudio e não durará mais do que dez minutos. As gravações serão anónimas através da atribuição de números, e os dados serão encriptados para assegurar que os mesmos serão identificáveis.

Após a visualização do vídeo e antes da realização da entrevista será solicitado que realize duas tarefas que pretendem medir os níveis de atenção e a necessidade de cognição. Mais tarde serão comparados os resultados dessas mesmas tarefas com as unidades de informação recuperadas sobre o vídeo que assistiu, com o intuito de estabelecer uma relação entre as variáveis.

Os dados recolhidos do estudo serão armazenados de forma segura num computador protegido por uma senha. As conclusões do presente estudo serão disponibilizadas mediante solicitação no final do projeto de investigação. Se estiver interessado(a) nos resultados, pedimos que nos informe numa das suas visitas ou em alternativa que envie um e-mail para [sara.felix@live.com.pt](mailto:sara.felix@live.com.pt)

Exigimos que tenha entre os 20-35 anos. Não será elegido a participar se tiver testemunhado um crime e conseqüentemente entrevistado pela polícia. Se tiver experienciado um assalto ou esteve próximo de um, não está qualificado a participar. Para além disto, se sentir que pode experienciar desconforto ao assistir a um vídeo de crime não violento ou por qualquer outra razão e se quiser retirar a qualquer momento, poderá fazê-lo sem prestar qualquer justificação.

Obrigada.

### Consentimento Informado

1. Li e expliquei para mim, a ficha de acompanhamento referente ao presente projeto de investigação.
2. Li e foi-me explicada toda a informação anexa à presente investigação
3. Li e entendi por que sou elegível para participar neste estudo.
4. Compreendi os objetivos do estudo, bem como, o objetivo da minha participação. Concordo com os critérios descritos, e a sua relação com a minha participação neste estudo.
5. Compreendo que posso desistir a qualquer momento.
6. Compreendo que os dados recolhidos podem ser publicados de forma conjunta e/ou anónima.
7. Foi-me entregue uma cópia deste consentimento informado, bem como da informação anexa.
8. Compreendo que a entrevista será gravada e que a minha participação será anónima.

Nome do Participante:

Nome do Investigador:

Data:

Data:

Assinatura:

Assinatura:

Nome do/a Orientador/a da Dissertação de Mestrado:

Data:

Assinatura:

Obrigada por participar neste estudo.

Qualquer informação sua que tenha sido recolhida será mantida em sigilo e em anónimo sendo disponibilizada apenas ao investigador e ao orientador da Dissertação de Mestrado. Todos os nomes serão removidos antes da publicação final ser disponibilizada. Se tiver sido afetado(a) por alguma questão levantada neste estudo e gostaria de conversar com alguém sobre as mesmas ou se tiver alguma reclamação sobre os aspetos éticos deste estudo, por favor contacte Sara Félix ([sara.felix@live.com.pt](mailto:sara.felix@live.com.pt)) e/ou Professora Telma Almeida ([telma.almeida@ispa.pt](mailto:telma.almeida@ispa.pt))

Se quiser mais informações ou tiver alguma questão sobre qualquer aspeto do estudo, por favor sinta-se à vontade para contactar Sara Félix e/ou Telma Almeida:

Email Sara Félix: [sara.felix@live.com.pt](mailto:sara.felix@live.com.pt)

Email Prof. Telma Almeida: [telma.almeida@ispa.pt](mailto:telma.almeida@ispa.pt)

## Anexo B – Escala de Necessidade de Cognição

	1	2	3	4	5
1. Prefiro problemas complexos aos simples	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Gosto de ter a responsabilidade de lidar com situações em que é preciso pensar muito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Pensar não me diverte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Prefiro fazer algo que não me obrigue a pensar, em vez de algo que desafie a minha capacidade de pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Tento antecipar e evitar situações onde é provável que eu tenha que pensar profundamente sobre alguma coisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Refletir muito e por muito tempo é algo que me satisfaz	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Penso apenas tão profundamente quanto necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Prefiro pensar em pequenos projetos e imediatos a pensar em projetos a longo prazo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Gosto de tarefas que, uma vez aprendidas, não requerem muito pensamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. A noção de depender do pensamento para ter sucesso atrai-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Gosto muito de uma tarefa que envolva a descoberta de soluções novas para problemas	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
12. Aprender novas maneiras de pensar não me entusiasma muito	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
13. Prefiro que a minha vida esteja cheia de quebra cabeças para resolver	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
14. Considero apelativo pensar de modo abstrato	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
15. Prefiro uma tarefa que seja intelectual, difícil e importante a uma que seja algo importante, mas que não requeira muito pensamento	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
16. Sinto alívio em vez de satisfação quando completo uma tarefa que requer muito esforço mental	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
17. Para mim é suficiente que a tarefa seja feita, não me interessa como e porque foi feita	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
18. Dou por mim, frequentemente, a refletir sobre assuntos, mesmo quando estes não me dizem respeito	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>

Por favor indique o quanto concorda ou discorda com as seguintes afirmações, preenchendo na totalidade o círculo, sobre o número que, na escola fornecida, melhor expresse a sua resposta, onde o 1 corresponde ao pólo “discordo totalmente” e 5 ao pólo “concordo totalmente”



## **Anexo D – Protocolos de entrevista**

### **Relato Livre com Restabelecimento do Contexto (sem Folha) – grupo RL1**

O nosso objetivo é ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível acerca do vídeo que visualizou há uma hora atrás. Gostaria que me contasse tudo o que se lembra acerca do vídeo, com o máximo de detalhe possível. Por exemplo, pode descrever este objeto (garrafa)?

Por favor diga-me tudo o que se lembra, mesmo os detalhes que lhe possam parecer irrelevantes ou que apenas se lembre parcialmente. Algumas pessoas omitem informação que acreditam não ser importante para a entrevista. No entanto, eu estou interessada em tudo aquilo que lhe vier à cabeça. Mesmo os mais pequenos detalhes podem ser muito importantes. Não se preocupe caso não se consiga lembrar de algo. É normal isso acontecer e basta dizer que não se lembra em vez de tentar adivinhar ou supor informação. Terá todo o tempo que precisar, por isso não se preocupe em levar muito tempo a pensar no vídeo ou a relatar a informação.

Apesar de eu ter conduzido a entrevista até agora, irei parar dentro de momentos. Vou-lhe pedir que me diga tudo o que se lembra acerca do vídeo, na ordem que preferir, sem interrupções. Pode fazer uma pausa a qualquer momento se quiser. Estarei aqui para ajudá-lo sempre que precisar.

Gostaria de ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível e para tal vou lhe pedir que faça uma pequena tarefa que, por norma, ajuda as pessoas a lembrarem-se de mais detalhes.

Gostaria que fechasse os olhos e tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato. Por favor mantenha os olhos fechados durante toda a entrevista pois isso poderá ajudá-lo a manter a concentração e a formar uma imagem mais clara do crime na sua mente.

OK, vou então pedir-lhe que feche os olhos...

- Primeiro, Pense no que estava a fazer no dia em que viu o vídeo antes de vir para a experiência...
- Pense agora em como se estava a sentir quando entrou na sala para participar na experiência...
- Tente lembrar-se do computador e ecrã onde visualizou o vídeo ... e finalmente foque-se no vídeo que visualizou...

- Pense em todos os **objetos e detalhes das cenas do crime que visualizou**. Por exemplo os objetos que os personagens tinham... pense no local onde foi encontrado o corpo... o local onde foi abandonado o corpo ... A floresta onde o corpo foi transportado ... e a estrada que visualizou depois de o corpo ter sido abandonado....

- Pense agora nas **pessoas** que estavam presentes no vídeo... a sua aparência... o seu vestuário...

- Pense nas **ações** que ocorreram. Por exemplo gestos ou comportamentos que foram exibidos...

- Os **sons e conversas** que ouviu na cena.... Por exemplo um diálogo que ouviu (...) ou outros sons que possa ter ouvido ...

E quando estiver pronto e tiver uma imagem clara da cena do crime na sua mente, diga-me tudo o que se lembra pela ordem e ritmo que preferir focando-se em relatar o máximo de detalhes possível acerca dos vários tipos de informação que falámos. Por favor mantenha os olhos fechados durante este exercício. Pode então começar a relatar o que se lembra, pela ordem que quiser, e com o nível de detalhe que utilizámos para descrever, anteriormente, a garrafa.

Mais alguma coisa que se consiga lembrar?

**FIM**

Muito obrigada pela sua cooperação e tempo.

## **RELATO LIVRE com Restabelecimento de Contexto – (com Folha) – grupo RL2**

O nosso objetivo é ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível acerca do vídeo que visualizou há uma hora atrás. Gostaria que me contasse tudo o que se lembra acerca do vídeo, com o máximo de detalhe possível. Por exemplo, pode descrever este objeto (garrafa)?

Por favor diga-me tudo o que se lembra, mesmo os detalhes que lhe possam parecer irrelevantes ou que apenas se lembre parcialmente. Algumas pessoas omitem informação que acreditam não ser importante para a entrevista. No entanto, eu estou interessado(a) em tudo aquilo que lhe vier à cabeça. Mesmo os mais pequenos detalhes podem ser muito importantes. Não se preocupe caso não se consiga lembrar de algo. É normal isso acontecer e basta dizer que não se lembra em vez de tentar adivinhar ou supor informação. Terá todo o tempo que precisar, por isso não se preocupe em levar muito tempo a pensar no vídeo ou a relatar a informação.

Apesar de eu ter conduzido a entrevista até agora, irei parar dentro de momentos. Vou-lhe pedir que me diga tudo o que se lembra acerca do vídeo, na ordem que preferir, sem interrupções. Pode fazer uma pausa a qualquer momento se quiser. Estarei aqui para ajudá-lo sempre que precisar.

Gostaria de ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível. Assim, vou dar-lhe uma folha que poderá, se necessitar, consultar durante o seu relato. Não se pretende com esta folha que descreva uma categoria de cada vez. Poderá seguir a ordem e ritmo que quiser. No entanto, terá à sua frente esta folha caso a queira consultar no sentido de o relembrar quais as categorias de informação presentes no vídeo. Alguma dúvida?

Irei também pedir-lhe que faça uma pequena tarefa que, por norma, ajuda as pessoas a lembrarem-se de mais detalhes.

Gostaria que fechasse os olhos e tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato. Por favor mantenha os olhos fechados durante toda a entrevista pois isso poderá ajudá-lo a manter a concentração e a formar uma imagem mais clara do crime na sua mente.

OK, vou então pedir-lhe que feche os olhos...

- Primeiro, Pense no que estava a fazer no dia em que viu o vídeo antes de vir para a experiência...
- Pense agora em como se estava a sentir quando entrou na sala para participar na experiência...

- Tente lembrar-se do computador e ecrã onde visualizou o vídeo ... e finalmente foque-se no vídeo que visualizou...
- Pense em todos os **objetos e detalhes das cenas do crime que visualizou**. Por exemplo os objetos que os personagens tinham... pense no local onde foi encontrado o corpo... o local onde foi abandonado o corpo ... A floresta onde o corpo foi transportado ... e a estrada que visualizou depois de o corpo ter sido abandonado....
- Pense agora nas **pessoas** que estavam presentes no vídeo... a sua aparência... o seu vestuário...
- Pense nas **ações** que ocorreram. Por exemplo gestos ou comportamentos que foram exibidos...
- Os **sons e conversas** que ouviu na cena.... Por exemplo um diálogo que ouviu (...) ou outros sons que possa ter ouvido ...

E quando estiver pronto e tiver uma imagem clara da cena do crime na sua mente, diga-me tudo o que se lembra pela ordem e ritmo que preferir focando-se em relatar o máximo de detalhes possíveis acerca dos vários tipos de informação que falámos. Por favor, mantenha os olhos fechados durante este exercício sendo que os pode abrir momentaneamente se, e sempre que, necessitar de consultar a folha que lhe dei. Pode então começar a relatar o que se lembra, pela ordem que quiser, e com o nível de detalhe que utilizámos para descrever, anteriormente, a garrafa.

Mais alguma coisa que se consiga lembrar?

**FIM**

Muito obrigada pela sua cooperação e tempo.

**RECUPERAÇÃO POR CATEGORIAS com Restabelecimento do Contexto -  
(sem folha) – grupo RC1**

O nosso objetivo é ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível acerca do vídeo que visualizou há uma hora atrás. Gostaria que me contasse tudo o que se lembra acerca do vídeo, com o máximo de detalhe possível. Por exemplo, pode descrever este objeto (garrafa)?

Por favor diga-me tudo o que se lembra, mesmo os detalhes que lhe possam parecer irrelevantes ou que apenas se lembre parcialmente. Algumas pessoas omitem informação que acreditam não ser importante para a entrevista. No entanto, eu estou interessada em tudo aquilo que lhe vier à cabeça. Mesmo os mais pequenos detalhes podem ser muito importantes. Não se preocupe caso não se consiga lembrar de algo. É normal isso acontecer e basta dizer que não se lembra em vez de tentar adivinhar ou supor informação. Terá todo o tempo que precisar, por isso não se preocupe em levar muito tempo a pensar no vídeo ou a relatar a informação.

Apesar de eu ter conduzido a entrevista até agora, irei parar dentro de momentos. Vou-lhe pedir que me diga tudo o que se lembra acerca do vídeo, sem interrupções. Pode fazer uma pausa a qualquer momento se quiser. Estarei aqui para ajudá-lo sempre que precisar.

Gostaria de ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível e, para tal, vou-lhe pedir que faça uma pequena tarefa que, por norma, ajuda as pessoas a lembrarem-se de mais detalhes. Vou-lhe pedir que me conte tudo o que se lembra acerca do vídeo, mas abordando uma categoria de informação de cada vez, ou seja, separadamente. Não se preocupe, pois irei ajudá-lo a recordar-se de quais são estas categorias caso necessite. Alguma dúvida?

Gostaria também que fechasse os olhos e tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato. Por favor mantenha os olhos fechados durante toda a entrevista pois isso poderá ajudá-lo a manter a concentração e a formar uma imagem mais clara do crime na sua mente.

OK, vou então pedir-lhe que feche os olhos...

- Primeiro, Pense no que estava a fazer no dia em que viu o vídeo antes de vir para a experiência...
- Pense agora em como se estava a sentir quando entrou na sala para participar na experiência...

- Tente lembrar-se do computador e ecrã onde visualizou o vídeo ... e finalmente foque-se no vídeo que visualizou...

- Pense em todos os **objetos** e detalhes das cenas do crime que visualizou. Por exemplo os objetos que os personagens tinham... o local onde foi encontrado o corpo... o local onde foi abandonado o corpo .... A floresta onde o corpo foi transportado ... e a estrada que visualizou depois de o corpo ter sido abandonado....

- Pense agora nas **pessoas** que estavam presentes no vídeo... a sua aparência... o seu vestuário...

- Pense nas **ações** que ocorreram. Por exemplo gestos ou comportamentos que foram exibidos...

- Os **sons e conversas** que ouviu na cena.... Por exemplo um diálogo que ouviu (...) ou outros sons que possa ter ouvido ...

E quando estiver pronto e tiver uma imagem clara da cena do crime na sua mente, diga-me tudo o que se lembra, mantendo o ritmo que preferir e focando-se em relatar o máximo de detalhes possíveis acerca dos vários locais e tipos de informação que falámos focando-se numa categoria de informação de cada vez: **pessoas, objetos, ações, e informação auditiva** (por exemplo diálogos ou qualquer outro som que tenha ouvido). Por favor mantenha os olhos fechados durante este exercício. Não se preocupe, pois, irei ajudá-lo a recordar-se de quais são estas categorias caso necessite. Pode então começar a relatar o que se lembra começando pela categoria que preferir, e com o nível de detalhe que utilizei para descrever, anteriormente, a garrafa.

Ok, mais alguma coisa que se consiga lembrar?

**FIM**

Muito obrigada pela sua cooperação e tempo.

**RECUPERAÇÃO POR CATEGORIAS com Restabelecimento do Contexto –  
(com folha) – RC2**

O nosso objetivo é ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível acerca do vídeo que visualizou há uma hora atrás. Gostaria que me contasse tudo o que se lembra acerca do vídeo, com o máximo de detalhe possível. Por exemplo, pode descrever este objeto (garrafa)?

Por favor diga-me tudo o que se lembra, mesmo os detalhes que lhe possam parecer irrelevantes ou que apenas se lembre parcialmente. Algumas pessoas omitem informação que acreditam não ser importante para a entrevista. No entanto, eu estou interessado(a) em tudo aquilo que lhe vier à cabeça. Mesmo os mais pequenos detalhes podem ser muito importantes.

Não se preocupe caso não se consiga lembrar de algo. É normal isso acontecer e basta dizer que não se lembra em vez de tentar adivinhar ou supor informação. Terá todo o tempo que precisar, por isso não se preocupe em levar muito tempo a pensar no vídeo ou a relatar a informação.

Apesar de eu ter conduzido a entrevista até agora, irei parar dentro de momentos. Vou-lhe pedir que me diga tudo o que se lembra acerca do vídeo sem interrupções. Pode fazer uma pausa a qualquer momento se quiser. Estarei aqui para ajudá-lo sempre que precisar.

Gostaria de ajudá-lo a lembrar-se do máximo de informação possível e para tal vou pedir-lhe que faça uma pequena tarefa que, por norma, ajuda as pessoas a lembrarem-se de mais detalhes. Vou-lhe pedir que me conte tudo o que se lembra acerca do vídeo, mas abordando uma categoria de informação cada vez, ou seja, separadamente. Assim, vou-lhe dar uma folha que poderá, se necessitar, consultar a qualquer altura durante o seu relato para o relembrar quais as várias categorias de informação presentes no vídeo. Alguma dúvida?

Gostaria também que fechasse os olhos e tentasse imaginar a cena do crime na sua mente antes de iniciar o relato. Por favor mantenha os olhos fechados durante toda a entrevista pois isso poderá ajudá-lo a manter a concentração e a formar uma imagem mais clara do crime na sua mente.

OK, vou então pedir-lhe que feche os olhos...

- Primeiro, Pense no que estava a fazer no dia em que viu o vídeo antes de vir para a experiência...

- Pense agora em como se estava a sentir quando entrou na sala para participar na experiência...
- Tente lembrar-se do computador e ecrã onde visualizou o vídeo ... e finalmente foque-se no vídeo que visualizou...
- Pense em todos os **objetos** e detalhes das cenas do crime que visualizou. Por exemplo os objetos que os personagens tinham... o local onde foi encontrado o corpo... o local onde foi abandonado o corpo .... A floresta onde o corpo foi transportado ... e a estrada que visualizou depois de o corpo ter sido abandonado....
- Pense agora nas **pessoas** que estavam presentes no vídeo... a sua aparência... o seu vestuário...
- Pense nas **ações** que ocorreram. Por exemplo gestos ou comportamentos que foram exibidos...
- Os **sons e conversas** que ouviu na cena.... Por exemplo um diálogo que ouviu (...) ou outros sons que possa ter ouvido ...

E quando estiver pronto e tiver uma imagem clara da cena do crime na sua mente, diga-me tudo o que se lembra mantendo o ritmo que preferir e focando-se em relatar o máximo de detalhes possível acerca dos vários locais e tipos de informação que falámos, focando-se numa categoria de informação de cada vez. Por favor, mantenha os olhos fechados durante este exercício, sendo que os pode abrir momentaneamente se, e sempre que, necessitar de consultar a folha que lhe dei. Pode então começar a relatar o que se lembra começando pela categoria de informação que quiser e com o nível de detalhe que utilizei para descrever, anteriormente, a garrafa.

Ok, mais alguma coisa que se consiga lembrar?

**FIM**

Muito obrigada pela sua cooperação e tempo.